

FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

***ENTRE A MEMÓRIA E O LUGAR DOS MORTOS NO CEMITÉRIO DAS
IRMANDADES: O TURISMO DE NECRÓPOLE EM JAGUARÃO (RS) COMO
ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL***

LARISSA BITAR

Taquara

2016

LARISSA BITAR

***ENTRE A MEMÓRIA E O LUGAR DOS MORTOS NO CEMITÉRIO DAS
IRMANDADES: O TURISMO DE NECRÓPOLE EM JAGUARÃO (RS) COMO
ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL***

Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Regional– Mestrado – das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional

Orientador: Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr.

Taquara

2016

Dedico à minha mãe Leocádia, companheira de todas as horas, que não mediu esforços para que eu alcançasse meu objetivo; à minha irmã Daniela, por sua presença mesmo distante em que se mostrou solícita a qualquer tempo; ao meu esposo Cristiano, pelo incentivo sem limites, segurança na minha ausência, acreditando em minha capacidade, e que, de forma especial e carinhosa me deu força e coragem nessa trajetória; aos meus filhos João Marcelo e Miguel, pequenos grandes homens, incentivadores e admiradores desse projeto; à minha filha Luiza, doce e meiga, que chegou durante esta jornada, como uma estrelinha para iluminar meu caminho; ao meu professor, minha inspiração, por ter me escolhido para ser sua orientanda, sem me conhecer, e que mesmo quando minha caixinha de surpresas foi aberta não deixou de acreditar em mim.

Quando o homem ora, Deus põe a onipotência a serviço da criatura. Orai por todos os que para o além partiram.

Cemitério das Irmandades de Jaguarão

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de agradecer!

Agradecer àqueles, que de uma maneira ou de outra, fizeram valer a pena os dias de angústia, de cansaço, exaustão, as noites em claro, a pressa de chegar em casa, a busca pelas palavras de apoio e incentivo. Valeram a pena todos os passos pelo caminho traçado!

Agradeço a Nossa Senhora que sempre passou na frente, abrindo minha caminhada e que mesmo diante de desafios não me deixou esmorecer.

Agradeço a CAPES pela bela oportunidade de fazer parte do mundo acadêmico, onde aprendi o caminho para a elaboração desta pesquisa.

Ao meu querido MESTRE Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr, em quem encontrei um orientador e amigo, que perseverantemente me estimulou nesta caminhada, e que com um olhar cuidadoso soube conduzir os meus trabalhos. A ele minha sincera gratidão.

Especial agradecimento ao Mestre Prof. Dr. Egon Roque Frohlich a quem tenho uma estima admiração e carinho, grande incentivador e que com sua sabedoria soube conduzir meus anseios com delicadeza e sensibilidade durante o curso.

Meu reconhecimento ao curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, onde encontrei professores que despertaram em mim a curiosidade do conhecimento. Com a certeza que vivi experiências e desafios que contribuíram para meu crescimento acadêmico.

À querida Andressa, secretária do curso, meu carinhoso agradecimento, a pessoa solícita e amiga, sempre disposta a ajudar.

Aos meus colegas, onde encontrei conforto e segurança para enfrenar a distância percorrida semanalmente durante o período presencial.

Em especial agradeço às colegas, Aline, Gabriela, Elisete, Simone e Juarez que sempre mantive contato de grande valia.

À Cecilia Macksoud, secretária do Cemitério das Irmandades, a qual gentilmente sempre colaborou com a pesquisa.

Ao colega Jayme, apaixonado pela arte tumular, agradeço pelas constantes trocas de informação.

À amiga Lorena Tellis, em quem sempre respaldei para usufruir de leituras importantes, contribuindo com minha pesquisa.

Ao Fernando De Lellis, que através de encontros contribuiu com informações para a captação de materiais para pesquisa.

À amiga e pesquisadora Prof.^a Dra. Carmen Regina Dorneles Nogueira, a qual me inspirou através de sua pessoa a buscar pelo programa, a quem admiro com carinho e amizade, minha inspiração!

À sra. Cirlei, que sempre me recebeu de coração aberto, cuidando e zelando por mim.

Aos colegas de trabalho, Gisele, Liziane e Eduardo, que nunca se recusaram a realizar tarefas no meu trabalho durante minha ausência.

Ao presidente do Sindilojas Jaguarão, Sr. Valdo Nunes, o qual sempre me deixou livre para cumprir minhas tarefas e concomitantemente continuar minha trajetória acadêmica.

Ao amigo Rogério Cordeiro que esteve sempre solícito ao caminho pelo conhecimento nas indicações de autores e textos locais.

À amiga Maria Martins que faz parte da minha caminhada acadêmica desde os primeiros passos, obrigada pelo carinho, amizade, disponibilidade e confiança.

À querida amiga Gleci Avanzi grande conhecedora do Turismo de Necrópole, obrigada pelo carinho.

Ao Rogério e Simone Pereira, grandes motivadores de um sonho, que me deram coragem para enfrentar o medo diante de minhas angústias.

Aos meus compadres Joel e Adriana, os quais não mediram esforços para atender meus filhos durante a minha ausência.

Às minhas amigas, Izabel, Iva e Eliane, grandes colaboradoras da logística do dia a dia dos meus filhos.

À minha sogra Marilú, pelo carinho recebido e pela consideração que sempre demonstrou.

À minha querida afilhada Elisa Coelho, com quem posso sempre contar e que me faz muito feliz.

Aos meus irmãos Fahid e Fabiano, os quais sempre estiveram presentes em minhas escolhas, apoiando e incentivando a minha trajetória.

À minha irmã Daniela, amiga, companheira que sempre me instigou a ter novos olhares e motivou a buscar novos conhecimentos.

Aos meus pais, que estavam sempre de prontidão para executar a tarefa de avós, dando carinho e atenção aos meus filhos, suprimindo a minha ausência.

À minha mãe, pela busca constante de fatos da história, pela qual me apaixonei.

Aos meus filhos adorados, que muito me orgulham por ter maturidade para entender a minha ausência e ainda por se orgulharem de mim.

Ao meu querido esposo e amigo, em quem confio há mais de 25 anos e que admiro por estar sempre disposto a viver minhas aventuras, por ser um pai e mãe excelentes e por confiar em minhas escolhas e acreditar no meu potencial.

... este momento não significa o fim, e sim o começo de uma nova etapa cheia de surpresas, emoções e satisfações.

RESUMO

O estudo realiza uma análise das evidências da produção da memória, da identidade e da arte tumular contida no Cemitério das Irmandades na cidade de Jaguarão/RS. Dentro desse espaço geográfico se destaca a paisagem, que é a forma para o entendimento e a compreensão do passado, presente e futuro. Com características próprias, o patrimônio cultural, material e imaterial ali conservado, se evidencia na paisagem, em um recorte espacial, compreendendo o passado, que se nos apresenta em um modelo de museu a céu aberto. Como metodologia utilizamos o resgate dessas informações realizado através de pesquisas, baseado na investigação exploratória do material bibliográfico, documental, pesquisas de campo, assim confirmando a importância do acervo histórico e arquitetônico do Cemitério. Ainda foram feitas visitas, pautadas para evidenciar através da visualização, o contexto histórico de personagens ilustres da formação da cidade, e também entrevistas que serviram como relato da informação acerca de dúvidas sobre dados não encontrados, destacando a importância da riqueza de elementos que possibilitam identificar a potencialidade deste patrimônio cultural para uma futura proposta de transformação do Cemitério das Irmandades em ponto turístico da cidade de Jaguarão, bem como os já existentes em outras cidades e países. Esse museu a céu aberto proporciona opções de roteiros para atrair visitantes de diversos interesses, podendo explorar o turismo histórico, arquitetônico e cemiterial gerando um maior desenvolvimento socioeconômico para o município. Definem-se esses lugares como vistos que guardam a memória, relacionando assim, a construção com a presença material do passado. A preservação da memória e da identidade de Jaguarão - a partir do Turismo de Necrópole - se identifica como objetivo principal do trabalho, uma vez que é a partir dele que se dá a valorização do acervo do Cemitério das Irmandades, a arte e a simbologia cemiterial e o potencial turístico do cemitério.

Palavras-chave: Patrimônio. Memória. Identidade. Turismo Cemiterial e Desenvolvimento Regional. Jaguarão.

ABSTRACT

The study makes an analysis of the evidence production of memory, identity and funerary art. Within this geographic area stands out the landscape, which is the way to understanding and comprehension the past, present and future. Contained in the Irmandades Cemetery in the Jaguarão city/RS. With its own characteristics, Material and non-material heritage cultural, is evident in your landscape, in a spatial area, including the past, which is presented in a open air museum model. We used like methodology the rescue of the information carried out through research, based on exploratory research of bibliography, documentation, field research, thus confirming the importance of this historic and architectural archive about cemetery. This was done through reconnaissance visits to viewing the historical context of illustrious characters of the formation of the city, and also interviews that served as the reporting of information on questions about data not found, highlighting the importance of wealth elements possible to identify the potential of this cultural heritage for future transformation proposal Irmandades Cemetery in in tourist city of Jaguarão as well as existing in other cities and countries. Defines these places as seen guarding the memory, relating thus the construction with the material presence of the past The memory and identity preservation of Jaguarão - from the Necropolis Tourism - identifies the main objective of the work, since it is from it that gives the appreciation of the collection, art and cemeterial symbology and tourism potential of the Irmandades cemetery .

Keywords: **Heritage:** Memory. Identity. Cemeterial Tourism and Regional Development. Jaguarão.

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 – Classificação das atividades produtivas	22
Figura 2 - Cemitério dos Inocentes.....	37
Figura 3 - Igreja Ouro Preto - Sepulturas dentro do templo.....	38
Figura 4 - O campo santo Père-Lachise, Paris.....	44
Figura 5 - Túmulo de Simone de Beavouir e seu esposo Jean Paul Sartre, em Paris.....	45
Figura 6 - Túmulo do escritor Émile Zola no cemitério de Montmartre, em Paris	45
Figura 7 - Recoleta em Buenos Aires, Argentina.....	46
Figura 8 - Foto do mausoléu de Evita Perón, Argentina	46
Figura 9 - Highgate em Londres, Inglaterra	47
Figura 10 - Túmulo de Karl Marx em Londres, Inglaterra.....	47
Figura 11 - Cemitério Judaico de Cubatão SP.....	52
Figura 12 - Cemitério dos Protestantes Consolação na cidade de São Paulo.....	53
Figura 13 - Cemitério Tradicional – Cemitério das Irmandades da cidade de Jaguarão	53
Figura 14 - Cemitério Popular da cidade de Manaus AM.....	54
Figura 15 - Cemitério Parques ou Jardim de Blumenau – SC.....	55
Figura 16 - Cemitério vertical na cidade de Santos, São Paulo.....	55
Figura 17 - Columbário no Cemitério Père Lachaise na cidade de Paris	56
Figura 18 - Crematório oferecido pela empresa Holandesa DFW Europe.....	56
Figura 19 - Mapa de localização do município de Jaguarão	67
Figura 20 - Vila do Espírito Santo do Serrito.....	68
Figura 21 - Construção da Ponte Internacional Barão de Mauá na cidade de Jaguarão RS	73
Figura 22 - Fachada Casarão da Rua XV de Novembro em estilo eclético, com a porta em madeira talhada – Jaguarão-RS, 2016	74
Figura 23 - Praça Alcides Marques, localizada no centro Histórico de Jaguarão – Traçado original das ruas no final do século XIX início do século XX. – Jaguarão – R.S - 2016.....	75
Figura 24 - Localização do Cemitério das Irmandades – Jaguarão-R.S - 2016	79
Figura 25 - Localização do antigo Cemitério da cidade de Jaguarão – R.S entre as ruas Marechal Rondon e Marechal Deodoro.....	82
Figura 26 - Rosário e paramento maçônico do Padre João Themudo Cabral Diniz	83
Figura 27 - Ata de inauguração do Cemitério das Irmandades – Jaguarão/RS - 2016...	84

Figura 28 - Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, localizada ao entorno da Praça Dr. Alcides Marques e em frente ao Largo das Bandeiras – Jaguarão - 2016.....	86
Figura 29 - Recortes geográficos – planta baixa do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/ R.S, com a sequência da visita numerada	94
Figura 30 - Espaço mortuário – entrada do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	95
Figura 31 - Espaço mortuário do Cemitério das Irmandades/ RS– passarela em que se destaca a vegetação e os gradis.....	95
Figura 32 - Espaço mortuário do Cemitério das Irmandades/RS – estatua de um anjo criança resguardando o lugar de memória.....	96
Figura 33 - Entrada do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/ RS – no corredor principal destacam-se a riqueza de objetos como mármore de Carrara, azulejos Portugêses, materiais nobres como ornamentos fúnebres em bronze e estatuas opoentes em gesso, granito e mármo	97
Figura 34 - Túmulo do Padre João Themudo – I.....	97
Figura 35 - Túmulo do Padre João Themudo – II – vigário responsável pela fundação do Cemitério das Irmandades- Jaguarão/ RS.....	98
Figura 36 - Gaveta horizontal que abriga um caixão infantil com tampo de mármore Carrara e como símbolo identitária a foto da criança – Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS.....	98
Figura 37 - Gaveta infantil na horizontal, atual, datada de 2013 – Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS.....	99
Figura 38 - Mausoléu familiar – I Cemitério das irmandades de Jaguarão/RS.....	100
Figura 39 - Mausoléu familiar – II – Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	100
Figura 40 - Túmulo formato de obelisco egípcio com características da fundação do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	101
Figura 41 - Muros do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS – lateral da direita de quem entra no cemitério, destinada a Irmandade Nossa Senhora da Conceição.....	102
Figura 42 - Fotos que representam o tempo histórico no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS – notasse que a lápide vem sendo conservada pelos familiares	102
Figura 43 - Representação da âncora na lápide do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/ RS.....	103
Figura 44 - Gaveta do marceneiro Jaguareense do século XIX confeccionada em mármore Carrara está localizada à direita da capela com sinais maçônicos no fundo do Cemitério das Irmandades/	103

Figura 45 - Revestimento mármore Carrara – I túmulo familiar com 16 gavetas para o enterramento dos pertencentes à família encontra-se na entrada pela rua principal do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	104
Figura 46 - Mausoléu com torre em estilo gótico, sendo protegida por Nossa Senhora e dois anjos no alto da nave localizada na ala da Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	105
Figura 47 - Túmulos abandonados no Cemitério das Irmandades de Jaguarão	106
Figura 48 - Revestimento mármore Carrara– II com vários elementos ornamentando a lápide da morte no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	106
Figura 49 - Cruz representando a presença do Cristianismo no mausoléu familiar no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	107
Figura 50 - Espaço mortuário pertencente a uma família tradicional da Cidade de Jaguarão no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	107
Figura 51 - Túmulo do Coronel Augusto César Leivas situado na ala da Irmandade do Santíssimo Sacramento.....	108
Figura 52 - Igreja Católica do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS.....	109
Figura 53 - Vista do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	109
Figura 54 - Mausoléu do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves situado ao lado da Igreja, no fundo do cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS.....	110
Figura 55 - Edificação tumular dos Garcia Marques, família tradicional da cidade de Jaguarão, esta situado na ala do Santíssimo Sacramento no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS.....	111
Figura 56 - Tipologia alegórica do classicismo situado na ala da Nossa Senhora da Conceição no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS	111
Figura 57 - Túmulo do construtor Martinho de Oliveira Braga no cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS.....	112

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. TURISMO	21
2.1. Turismo como alternativa de desenvolvimento regional	21
2.2. Turismo de forma conceitual e teórica.....	28
3. TURISMO DE NECRÓPOLE	35
3.1. A morte e os ritos	35
3.2. Turismo Cemiterial: Roteiro mórbido	41
3.3. Arte funerária e suas representações, manifestações e simbologia.....	49
3.4. Entre a memória, a identidade e o patrimônio: a imagem da fotografia e o resguardo dos museus	58
4. JAGUARÃO ALÉM DA HISTÓRIA	66
4.1. O espaço geográfico.....	66
4.2. Sua origem e sua história	68
4.3. A arquitetura em evidência	74
5. CEMITÉRIO DAS IRMANDADES	79
5.1. Um recorte geográfico – Cemitério das Irmandades	79
5.2. Sua origem através da dor.....	81
5.3. Pe. João Themudo e o papel das Irmandades no contexto histórico do Cemitério	86
6. FORMATAÇÃO DO PRODUTO TURÍSTICO: ENTRE A MEMÓRIA E O LUGAR DOS MORTOS NO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES.....	91
6.1. Roteiro Turístico do Cemitério das Irmandades	93
7. CONCLUSÃO	113
8. REFERÊNCIAS	116

1. INTRODUÇÃO

A morte, temida pela maioria das pessoas, apresenta-se na trajetória de vida da humanidade. Para alguns, de modo trágico, para outros, mais cedo ou mais tarde, e para os privilegiados, de forma tranquila e natural. Em outra perspectiva descreve-se a morte um fato que, para os homens, é certo, porém com hora incerta.

Na sociedade atual, vê-se a morte como algo a ser evitado, (como se o ato de morrer fosse fora do comum durante o processo), pois as pessoas com sentimentos de dor, tristeza, desolação, angústia e perda temem e distanciam-se do lugar do repouso eterno. Caracterizando-se uma ligação estreita entre o culto dos mortos e a memória, que expõe que “nem o sol, nem a morte podem-se olhar de frente”.

Segundo Morin (1970), o homem é o único ser que tem a consciência de que a morte existe e através de suas atitudes e crenças revela-se a maneira como o homem encara essa passagem da vida para a morte. A consciência de ser mortal é um conhecimento que fatalmente traduz uma dimensão afetiva, pois o medo traz uma resposta psicológica diante da morte e do morrer, sendo esse medo maior que os outros medos que o homem possui na vida.

O ser humano desde sempre caracteriza a morte com misticismo, magia, mistério, segredo, por isso esse fenômeno natural é discutido em religião e ciência com diversas opiniões: o cessar da consciência na opinião de alguns estudiosos já se compreende a morte, para outros somente o cessar dos batimentos cardíacos é que caracteriza a morte.

Percebe-se que a busca pela imortalidade é almejada através da memória. Dentro do contexto da morte, o resguardo da memória das pessoas nasce e vive de sentimentos, tornando-se necessário a construção de lugares que passam a ser agentes da memória, para que se torne vivo o sentido da lembrança. Para Bellomo (2000), os cemitérios são lugares, onde as lembranças tornam-se vivas, preservando-se a identidade cultural de um determinado grupo.

Bastianello (2010) como forma de manutenção da memória do morto e aliado à necessidade de ações de prevenção contra doenças contagiosas, melhoria de condições de higiene e com o aumento das populações nos centros urbanos, começam a ser

construídos no início do século XIX cemitérios ou campos santos. Ditos campos santos, favoreceram a população com novos espaços mortuários mais afastados da concentração urbana, buscando-se a proteção da saúde das pessoas, e, ao mesmo tempo, alcançando-se o objetivo da conservação da memória das pessoas que ali repousam eternamente.

Antigamente, os fiéis cristãos eram enterrados aos fundos das igrejas e em seus entornos, dentro de um caixão ou em uma urna com suas cinzas, como evidencia Bayard (1996). Na atualidade, encontra-se em locais públicos ou privados, dos mais diferentes modelos, denominados de cemitérios.

O resguardo e proteção dos bens materiais e imateriais ali existentes, vão além da conservação dos valores culturais. A exploração desses valores culturais também se faz importante para a educação patrimonial, memória e identidade de um povo.

Para evidenciar a forma de vida terrena da pessoa que partiu as famílias, de acordo com suas posses, mandavam edificar seus túmulos, estabelecendo-se assim uma simbólica relação entre a vida e a morte, pois os símbolos gravados no material eram vistos como arte que se perpetuavam nas lembranças, conforme descreve (Fenelon, 1992).

Torna-se possível conhecer as pessoas e seus estilos de vidas, através do estudo das imagens artísticas, estilos e influências de artistas locais, bem como a observação de túmulos peculiares, com estruturas representativas em seu entorno. A arte funerária, presente no acervo histórico e arquitetônico do Cemitério das Irmandades, constitui-se de um potencial em desenvolvimento *sui generis*, cuja história conjuga-se na arte que se apresenta, na historicidade da cidade de Jaguarão.

No presente estudo propõe-se uma análise cultural das narrativas orais e documentais da construção e conservação do patrimônio histórico da cidade de Jaguarão, e a relação da memória, da identidade e do acervo de seu campo santo: o Cemitério das Irmandades. Como cita Bellomo (2000), projetam-se crenças, valores, estruturas ideológicas e socioeconômicas dentro de um contexto cemiterial.

Sendo um espaço cultural, onde se possibilita conhecer as diferentes etnias e nacionalidades que um dia povoaram a cidade de Jaguarão, identificam-se e estabelecem-se relações sociais e econômicas, que se constituem importantes fontes

para o conhecimento da história existente e encontram-se à disposição no museu a céu aberto.

Como problemática, apresenta-se uma necessidade latente de investigação científica acerca da identidade que se confere ao patrimônio com sua memória empírica, em que se resguarda em um espaço, que é muitas vezes representado como solitário, silencioso e de respeito – como é a necrópole. O passado musealizado nos cemitérios oferece-se como opção de transformar o futuro: ele pode ser visto como uma relíquia intocável ou como uma memória dando identidade e sentido à vida. Meneses (2006) apresenta a ideia de relíquia e memória identitária como meios de acesso ao passado, condutores de conhecimentos e informações acerca dele.

Aprofundando-se o estudo do cemitério como fonte de informação sobre a origem e importância da cidade no contexto histórico, possibilita-se visualizar que o campo santo possui ainda um grupo de peças que compõe um acervo de arte funerária que identifica diversas épocas e fatos ocorridos na comunidade, e onde se evidencia uma variedade de bens culturais, que pontuam uma heterogeneidade existente nos pontos de vista socioeconômico e cultural. Brandão (2016) relata que os cemitérios além das fontes históricas também são fontes de pesquisa geográfica, sociológica, literária, arqueológica e demográfica.

O interesse sobre o assunto cemiterial originou-se na observação sobre a importância que foi dada ao Cemitério das Irmandades durante a avaliação de arquitetos e estudiosos que desenvolveram produtos de valorização do patrimônio local de Jaguarão, em 2007, pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) - Pelotas. Juntamente com os profissionais que visitaram a cidade de Jaguarão aquele ano, movimentando-se, inclusive, o setor do turismo, observou-se um número expressivo de pessoas que visitaram o cemitério procurando informações sobre personalidades e também de parentes que ali jazem e que são referências para suas árvores genealógicas.

Ao servir como testemunho da história local, esse patrimônio cultural oferece-se como um cenário disposto a contribuir para o desenvolvimento, haja vista o potencial ali existente, a ser trabalhado na perspectiva de um museu a céu aberto, com o objetivo de promover-se a preservação da memória e da identidade do Município de Jaguarão, a partir do uso turístico do Cemitério das Irmandades.

Dentro da perspectiva do cenário em evidência no Cemitério das Irmandades, propõe-se uma pesquisa do estudo aprofundado da identidade e memória desse acervo tumular, bem como a sua valorização, o entendimento da arte e a simbologia cemiterial como recurso turístico, o reconhecimento do potencial turístico do cemitério, e a inclusão de sua visitação no roteiro turístico e cultural da cidade, como ferramenta do desenvolvimento econômico e social do município. Com esse panorama, torna-se muito favorável a exploração do turismo cultural.

Para justificar a exploração desse acervo tumular, embasado na historicidade do lugar de memória, sugere-se um roteiro arquitetônico e histórico com a descrição dos túmulos significativos dentro do contexto da formação da cidade para que sirva como fonte de estudo e compreensão dos fatos históricos ocorridos, e que esse roteiro contribua para o reconhecimento pela comunidade da importância do campo santo e, que este, futuramente, venha a ser tombado como patrimônio cultural.

Sendo Jaguarão um município brasileiro que faz fronteira com o Uruguai (Rio Branco), desde sua formação foi ponto de trânsito de pessoas de diversos países e de culturas distintas. Vê-se em toda sua história, arquitetura e cultura, uma riqueza peculiar aos lugares de fronteira, com merecimento de um maior foco e valorização de seus pontos turísticos.

O Cemitério das Irmandades, como lugar de memória, guarda interessante passagem da história de Jaguarão (RS), desde a fundação do cemitério no início do ano de 1855, antes mesmo da elevação de Jaguarão, que passou de vila à cidade em 23 de novembro de 1855, em virtude da epidemia ocorrida na vila causada pelo vírus Chollera Morbus. (Soares, 2011)

Com vistas à busca de um aprofundamento ainda maior nos trabalhos do estudo, de caráter interdisciplinar e participativo, a partir da investigação sobre a memória, a cultura e a identidade local, esta proposta discute as possibilidades de sua viabilidade econômica, sociocultural e ambiental. Alicerçado em teorias sobre uma possibilidade, na medida em que se pretende articular a preservação do patrimônio cultural da cidade com o desenvolvimento da atividade turística, que necessita de investimentos e de um trabalho sério e responsável, cuidando-se para que haja uma valorização adequada, e não uma transformação da necrópole de Jaguarão em um mero produto, desprovido de historicidade e significados próprios.

Uma vez que se partiu de um levantamento de informações exploratórias, que segundo Schlüler (2003) tem como principal função encontrar novas perspectivas e novas ideias, bem como familiarizar-se com o tema. Como metodologia, empregou-se a pesquisa qualitativa, dividida em cinco momentos:

Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, cujo conteúdo explorado deteve-se aos conceitos e embasamentos teóricos acerca da identidade, da memória, do patrimônio, do patrimônio cultural, do turismo, do turismo de necrópole, e do desenvolvimento regional, através dos livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

De posse do aporte teórico, no segundo momento, realizou-se uma pesquisa de campo com visitas ao Cemitério das Irmandades para registros fotográficos do território e do espaço delimitado entre as duas Irmandades, da organização tumular, assim como levantou-se a simbologia cemiterial encontrada nos túmulos que descrevem diferentes épocas, e o levantamento dos jazigos de pessoas ilustres que fazem parte da história da cidade.

O terceiro passo do presente trabalho foi à pesquisa dos materiais que se encontram de posse da secretaria do cemitério, como os livros fúnebres que registraram as ocorrências, os preços e as propriedades dos túmulos.

Então, com a posse do embasamento teórico e descrição do objeto a ser trabalhado como proposta de desenvolvimento, os roteiros turísticos cemiteriais, realizaram-se entrevistas com três pessoas influentes culturalmente na comunidade Jaguareense. Ao apropriar-se do conhecimento de fatos ocorridos em tempos passados, essas pessoas relataram informações e notícias fúnebres arquivadas em suas memórias.

As pessoas entrevistadas foram: o Sr. Eduardo Soares, historiador Jaguareense e presidente do Instituto Histórico de Jaguarão; o Sr. José Caetano, administrador da Fundação Dr. Carlos Barbosa Gonçalves e o Sr. Luiz Fernando De Lellis, antigo funcionário do Cemitério das Irmandades.

Após o arquivo de todas as informações do processo coletadas e registradas no diário de campo, realizaram-se visitas técnicas, mapeando o território com um croqui do espaço cemiterial, indicando-se o trajeto a ser visitado pelos turistas com informações detalhadas, com a intenção de aprofundar os conhecimentos a respeito da história, da

arquitetura, do patrimônio e da arte tumular que possui características de uso como: sua importância social, cultural, econômica e política, e ainda, conseqüentemente, aprimorar o olhar a partir da metodologia interpretativa. Osman e Ribeiro (2007) afirmam a necessidade da visita aos campos santos com um novo olhar, de maneira que as pessoas percebam outras qualidades do espaço cemiterial, bem como sua historicidade.

Todo esse processo deve ter uma relação entre o Turismo de Necrópole e o Desenvolvimento Local, em que se realiza, no final, uma visita técnica ao local com o intuito de planejar o produto turístico, sob uma análise da futura proposta de transformação do Cemitério das Irmandades, em uma estrutura que propicie condições de preservação, possibilidades de novos usos, acessibilidade, tendo como sentido identitário a apropriação da história e do patrimônio, em um ponto turístico da cidade de Jaguarão, a fim de incrementar a atividade turística dentro do roteiro cultural oferecido na cidade, bem como os já existentes em outras cidades e países.

Faz-se necessário explicar a trajetória da construção da dissertação que tem como ponto chave a análise e o embasamento teórico do Patrimônio, da Memória, da Identidade, do Turismo Cemiterial e do Desenvolvimento Regional / local, neste caso a cidade de Jaguarão, onde as pesquisas, acima relatadas, estão pautadas no conhecimento estudado.

No segundo, evidencia-se o turismo, assunto dentro do capítulo na qual foi feita uma subdivisão em eixos para embasar as várias abordagens do tema. Trata-se no eixo 2.1 da relação que existe entre o Turismo e a alternativa de desenvolvimento regional/local, traçando-se uma organização no processo de construção do produto turístico em relação ao desenvolvimento regional/ local sustentável. O eixo 2.2 ressalta o turismo de forma conceitual e teórica, onde se analisa o turismo: turismo cultural e turismo cemiterial, dentro de um contexto cronológico.

Já no eixo 2.3 a morte e os ritos apresentam-se em uma sequência de fatos históricos. O eixo 2.4 apresenta a temática do roteiro mórbido, modelos de cemitérios que através de sua história e arte tumular são explorados turisticamente. Então, no eixo 2.5 trata-se do tema das artes funerárias e sua simbologia que embasam a pesquisa da identidade dos cemitérios. Após, o eixo 2.6 refere-se à relação da memória, da identidade, do patrimônio, das fotografias e dos museus como temática trabalhada na dissertação.

No terceiro capítulo aborda-se a cidade de Jaguarão, também subdividido por eixos. O eixo 3.1 aborda espaço geográfico, o 3.2 sua história e o 3.3 sua arquitetura, através de uma linha temporal, fundamentando a pesquisa com o embasamento teórico, que resgata a historicidade e o desenvolvimento socioeconômico e cultural dos vivos.

No quarto capítulo, estuda-se o cemitério das irmandades, onde os subcapítulos abrangem a sua localização geográfica, a sua origem e a história do Padre Themudo e as Irmandades do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição.

Finalmente, no quinto capítulo estuda-se o Cemitério das Irmandades como produto turístico dentro do desenvolvimento local, onde se propõe elaborar um roteiro histórico oral, com comentários referentes à construção da cidade, dentro de sua linha temporal, relacionando-se nomes de pessoas ilustres que se encontram sepultadas no campo Santo.

2. TURISMO

2.1. Turismo como alternativa de desenvolvimento regional

Ao descrever-se o turismo como fator de desenvolvimento local, as revisões bibliográficas são válidas para embasar teoricamente a relação do turismo com o desenvolvimento sustentável, como afirma Silveira (2002), nos últimos 50 anos o turismo vem obtendo espaço como uma das atividades de grande expansão mundial. A atividade do turismo, atualmente, é apontada em segundo lugar em relação à globalização, com somente o setor financeiro ocupando o primeiro espaço, devido à verdadeira aceleração de internacionalização e de abertura das economias nacionais a partir dos anos 80.

Boullón (2002) demonstra que através de pesquisas e ensaios individuais o conhecimento analítico sobre o turismo foi se materializando aos poucos individualmente, pois cada pesquisador interpreta o resultado teórico sob o seu ponto de vista.

De acordo com a OMT (1998), o turismo é uma atividade que promove o desenvolvimento local, devido ao seu potencial de crescimento e por ser um produto que só pode ser consumido *in loco*, tendo importante e estratégico papel como gerador de emprego, aumenta da renda e investimentos de capital em novas oportunidades de negócios.

Conforme Boullón (2002) fundamenta que o turismo surge a partir da existência do tempo livre das pessoas, do surgimento de estradas, e maior acessibilidade ao sistema de transporte, gerando um fenômeno social. Nesse contexto, a iniciativa privada e o poder público passam a oferecer serviços com o objetivo de proporcionar um espaço maior de lazer e mais conforto ao viajante. Assim, acontece o entrelaçamento de ofertas e serviços caracterizando seu funcionamento, formando um sistema.

No sistema turístico, citado a seguir na figura 1, Boullón (2002) identifica o modelo analítico chamado oferta demanda que concentra seu objetivo, no popular turismo comercial.

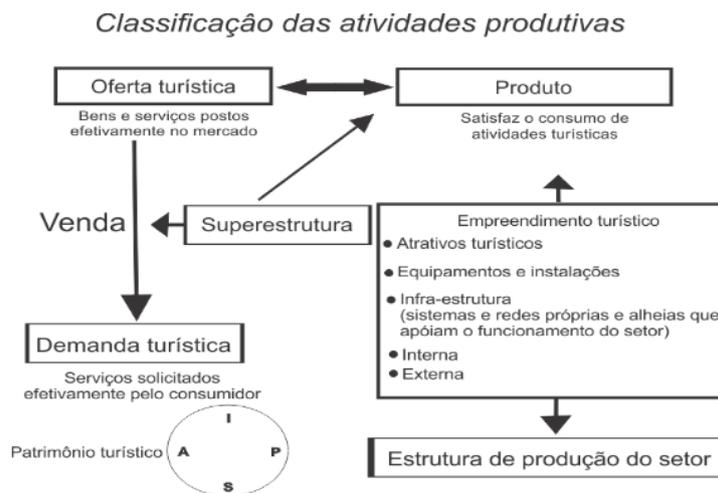


Figura 1 – Classificação das atividades produtivas

Fonte: Planejamento do Espaço Turístico: Roberto c. Boullón, 2002.

Faz-se importante interpretar a figura acima no que diz respeito ao modelo de oferta e demanda turística, como uma maneira de demonstrar o processo de planejamento do espaço turístico, podendo de forma clara medir a quantidade e a qualidade do turismo ofertado no seu desenvolvimento sustentável.

- A demanda turística: mede-se através da verificação sobre o número de turistas que costumam viajar para uma região em busca de um atrativo, tendo como consequência a quantidade de ingressos gerados.

- A oferta turística: vale-se dos serviços oferecidos pelos fatores que compreendem a estrutura turística, comercializados através de um sistema turístico.

- Processo de Venda: entende-se que a demanda, através de sua interação com a oferta determina o preço do produto turístico, pois o processo de venda atingirá o mercado turístico quando o preço do produto for competitivo.

- O produto turístico: conclui-se que são os bens materiais e imateriais de consumo e de serviço, como forma de comercialização do atrativo turístico.

Nesse contexto Boullón (2002) explica que, para que haja um diagnóstico sobre o espaço turístico tem que haver uma análise sistemática do setor, que deverá compreender os quatro componentes: os atrativos turísticos, a infraestrutura, a

superestrutura turística e o empreendimento turístico, visando o desenvolvimento sustentável regional.

Nesta mesma linha de pensamento Paiva (2014) menciona que é necessário potencializar outros elos produtivos da cadeia que se localizam em cada região com suas especialidades de maneira a serem articuladas ao seu redor, para que cada região influencie no desenvolvimento de outras atividades complementares, haja vista que as regiões não devem estar isoladas, sendo necessária uma comunicação com seu exterior.

Ao enfatizar o turismo como atividade econômica, em que se reúnem potencialidades e características para a solução de diversos problemas, constituem-se alternativas para renovar oportunidades que podem ser aproveitadas como estratégias para o desenvolvimento, produzindo-se uma ampla e diversificada cadeia produtiva global. Dando ênfase à cadeia produtiva global Schumpeter (1985) identificou a adoção de inovações e ação do empresário inovador como elementos responsáveis pelo processo de desenvolvimento.

Junto ao processo inovador destacam-se as potencialidades para o desenvolvimento do turismo, ao mesmo tempo em que se nota a omissão e falta de iniciativa dos governos e líderes empresariais no investimento para a expansão turística como fonte de receitas visando novos negócios, com garantias de retorno.

Quando existem garantias de sustentabilidade em toda sua abrangência, qualquer proposta de desenvolvimento econômico terá fundamento e razão. Para Cunha (2005) o desenvolvimento sustentável do turismo requer ações para diminuir os impactos na qualidade de vida, no ambiente, e nas questões culturais, sendo as ações apoiadas em estudos que avaliem seus impactos negativos e positivos, dimensionando de forma sistêmica, as variáveis ambientais, econômicas e culturais. Ainda, sob a ótica de Cunha (2005), comprova-se que o desenvolvimento local e o turismo fundem-se, na medida em que as características são respeitadas, como as culturais, ambientais, sociais e regionais.

O turismo, tornando-se uma atividade propulsora da economia, através de um conjunto de benefícios e produtos desejados pelos turistas, aliado ao cenário ou o contexto de elementos ambientais, culturais, como o patrimônio histórico, facilitam-se e favorecem-se os investimentos do estado, o que implica na proteção dos bens culturais que fazem parte do patrimônio cultural, para garantia da continuidade e sustentabilidade de seus investimentos com o devido retorno.

Como suporte desse processo cita-se Thompson (1995), o qual argumenta que há existência de um conjunto de interesses e fenômenos estudados por pessoas das diferentes disciplinas, desde a sociologia até a crítica literária, dando uma dimensão cultural na sustentabilidade do turismo como alternativa de desenvolvimento regional. É de suma importância destacar que os valores da vida social podem ser centralizados no turismo, pois este possui a propriedade e a potencialidade de transformar bens simbólicos e materiais de valor cultural em bens de valor socioeconômico, nesse sentido, por meio do turismo a cultura determina-se tanto a forma quanto o caráter do movimento das relações sociais, sendo assim consideram-se base à cultura como elemento principal no desenvolvimento da região.

Segundo Tomazzoni (2009), o turismo histórico, dentro dos valores culturais da comunidade, que se identificam pela mesma, leva à construção de um modelo de planejamento entre as organizações locais, considerando a origem de suas atividades econômicas. Cabe destacar que Tomazzoni (2009) afirma que o estudo sobre os fatos mais marcantes da história e os aspectos da cultura local é fundamental para a construção do turismo como produto em desenvolvimento. Considera-se o desenvolvimento do turismo, envolvendo e fidelizando os turistas através de aspectos culturais e históricos, como uma valorização e manifestação da expressão da cultura.

Como fonte abundante, o patrimônio cultural, segundo Carrasco e Nappi (2009), visa através de ações da educação patrimonial, pesquisa e economia o desenvolvimento de uma região. Através da economia podem-se destacar os atrativos turísticos materiais e imateriais, podendo-se aproveitar como potencialidades dentro do processo econômico da localidade. Importante ressaltar nesse contexto a abrangência do conceito patrimônio cultural, como conhecimento para o planejamento correto dos produtos a serem desenvolvidos turisticamente.

Ao fundamentar-se a importância do planejamento para o turismo, Dias (2009) recomenda um monitoramento permanente que deverá ser realizado por profissionais qualificados, buscando o sucesso da organização da atividade turística.

Barreto (2003) estabelece a importância do planejamento turístico como forma de organização do espaço para que os atrativos possam ser vistos e explorados não só como fonte de renda e emprego, mas como um legado cultural, que mantém viva a identidade do lugar, passando-se para as próximas gerações.

Nessa perspectiva, Menezes (2009) afirma que, ao realizar o planejamento turístico, deve-se ter o cuidado de revitalizar o que já existe para, posteriormente o objeto não perder o sentido, ao programar novos atrativos, levando em consideração a memória, que exerce uma experiência estimuladora ao turismo cultural. Assim, a atividade prática e teórica do turismólogo fundamenta-se em documentos, inventários, manifestações culturais, que possibilitam a formatação desses elementos em produto turístico, transformando-o em atrativo a ser oferecido aos turistas que buscam o conhecimento de outras culturas.

Dentro do contexto de planejamento, Dias (2009) cita o turismo como uma ruptura com a vida cotidiana em um momento de ilusão. Ainda que o turismo cultural aparentemente deva apresentar conhecimentos, os organizadores devem ter a consciência que esse tempo significa lazer e ilusão para o turista, não havendo o interesse em palestras como modo de apresentação do produto. Assim, o cenário a ser visitado, deve preparar-se para atender com segurança, higiene e aspectos facilitadores a permanência do turista no atrativo. Tomazzoni (2009) esclarece que o sucesso na formatação do produto turístico depende da originalidade cultural da região em relação às outras.

Os roteiros, de acordo com Bollón (2002), tornam-se importantes no espaço turístico, pois sua função é semelhante às dos corredores dos atrativos, como orientador o roteiro estrutura o produto, pois sempre existe a probabilidade do turista se perder, devem ser bem escolhidos e claros na orientação. Os objetos materiais de valor estético, como atrativo deve-se dar uma importância como fonte de estudo e interesse no roteiro, os edifícios árvores, calçadas, muros, são alternativas para marcar pontos de partida e chegada ao circuito de pedestres, além de mapas para delimitar os espaços físicos.

A participação de todos os sujeitos como promotor do desenvolvimento na relação produto turístico dá-se de acordo com a organização do ambiente estudado e as terminologias empregadas. Entende-se que, para a formatação do roteiro como alternativa turística, necessita-se um planejamento que segundo Bahl (2004) deve conter: objetivos – abordagem do contexto histórico, arquitetônico, geográfico, patrimonial; Direcionamento – Público - alvo, número de visitantes, faixa etária, conhecimento trabalhado; Título – nome do roteiro apresentado; Atrativos; Temáticas; locais para compras; opcionais; animação: material/atividade; Duração: horários de partida e de visitação; Datas; Passeios e taxas; Distância; Caminho; Quilometragem;

Itinerário; Número de paradas; locais; Programação; Produto; Transporte; Motorista; Guias; Despesas operacionais; Divulgação; Preços; Comercialização, Preço e Avaliação.

Para isso, Cunha (2005) explica que avanços têm sido realizados no sentido de desenvolvimento de técnicas de planejamento para indicadores ambientais como forma de sustentabilidade do turismo, mas as metodologias mais conhecidas e propagadas relacionam-se com o inventário e projetos de implantação de pólos turísticos, onde se estudam os recursos de zoneamento e roteiros turísticos, analisando-se custo-benefício sobre a implantação dos projetos a serem realizados. De modo geral, o gestor regional do turismo representa uma rede de ligações composta pelo setor privado da comunidade e do poder público, visando-se vantagens e retornos que a comunidade poderá desfrutar. Quanto mais fortalecidos os laços em prol da projeção da imagem diante dos turistas, maiores serão os retornos socioeconômicos e a vantagens produzidas pelos produtos turísticos.

Tomazzini (2009) apresenta a ideia de que o impulso do retorno econômico ocorre através da propagação da imagem turística para vários segmentos da comunidade regional. Como construção da paisagem turística os lugares apresentam-se como contrapontos aos lugares de trabalho estabelecendo diferenças, visuais entre eles. Como mecanismo desse processo Lanci da Silva (2007) salienta que na produção da imagem da paisagem turística, envolve a construção de lazer que por vezes relaciona-se a arquitetura e os meios de comunicação que vinculam às imagens a descrição dos lugares. As discussões sobre o que diferencia os lugares e paisagens são percebidas em um contexto quando se identifica o mercado e o público, segmentando os setores, criando condições de empreendimentos em que os lugares são adequados ao turista.

Um fator importante a ser considerado no planejamento turístico, segundo Portuguese (2004), é que em cidades históricas deve existir um cuidado quanto à capacidade de acolhimento do número de turistas, pois como forma de prevenção de efeitos negativos gerados pela não observação desse cuidado, o processo estará sujeito ao desequilíbrio do meio ambiente, dos recursos culturais, econômicos e sociais. Outro aspecto que se observa é o envolvimento da comunidade na relação do turismo receptivo, pois para obter-se sucesso no processo de desenvolvimento do turismo na cidade é importante a conscientização dos nativos com o bem patrimonial que a cidade

oferece, ainda que o envolvimento da comunidade deve-se dar no planejamento e nas ações de educação patrimonial.

Ainda sob a ótica do envolvimento da comunidade como fator importante no resultado positivo do planejamento, Martins e Vieira (2006) apontam de maneira que o patrimônio cultural é a espinha dorsal dos projetos de planejamento turístico, e que como processo a conscientização e a participação efetiva da comunidade, torna-se possível a manutenção da função social que exerce a identidade sobre os valores culturais. Paiva (2014) relaciona que a promoção do desenvolvimento endógeno precisa contar com o espírito empreendedor na comunidade, haja vista a possibilidade de criação de novas dinâmicas no desenvolvimento regional com criação de emprego e renda.

No que se refere ao desenvolvimento em âmbito municipal, Feline (1983) descreve o como forma de organizar e estimular a atividade turística, através de amplas decisões que com a soma dos fatores que integra o produto turístico deverá alcançar o objetivo final que significa satisfazer o turista gerando lucro e renda. Salienta-se que a coordenação municipal deverá contar com a iniciativa privada e ações individualizadas, voltadas para sua função de lucro. Nesse sentido o desenvolvimento municipal necessita uma definição clara e racional do produto turístico conhecendo-se efetivamente suas funções econômicas e sociais em termos de custos e benefícios.

Portuguez (2004) relata ainda que, como fator predominante de desenvolvimento de uma cidade turística, é necessário seu planejamento, com um olhar para um futuro, sendo necessário controlarem-se de forma correta os processos de mudança. Nessa mesma linha de raciocínio, parte-se da discussão sobre o processo de medição do impacto do turismo no desenvolvimento local pois, segundo Silva (2004, p. 267), o turismo define-se do ponto de vista da demanda, apesar das classificações econômicas de atividades a serem estabelecidas quando houver oferta de produtos e serviços. Fazem-se necessárias algumas adaptações dessas classificações para medir e descrever de forma correta a incidência econômica do turismo.

2.2. Turismo de forma conceitual e teórica

Ao compreender o desenvolvimento da história do turismo, na trajetória do tempo de modo amplo, embasa-se teoricamente em estudiosos dessa área, tornando-se possível destacar elementos que são aceitos como padrão e marco histórico. Cisne e Gastal (2010) indicam esses elementos como circuitos, sendo o Petit Tour, o Grand Tour, as peregrinações da Idade Média e a figura de Thomas Cook. Ainda Barbosa (2002) acrescenta em seus estudos, referente, à história do turismo, como elemento que marca a atividade turística, os balneários marítimos, por incentivo das férias remuneradas.

Nas narrativas em que se busca resgatar as peregrinações durante a Idade Média, existem informações que as mesmas não constituíam viagens de lazer, pois o peregrino percorria o caminho sujeito ao condicionamento do tempo e da duração de seu périplo, sujeito as dificuldades que se apresentassem durante o trajeto. É relevante ressaltar que esses peregrinos viajavam em grupos. De acordo com Boyer (2003 p. 70) as migrações eram coletivas, sem finalidade de lucro, nem motivadas por medo, e sim com a esperança à compensação no além, chegando-se a um lugar sagrado que pagaria todas as dificuldades e inseguranças da peregrinação.

Ao citar o Petit Tour e o Grand Tour faz-se necessário abordar a relação do Patrimônio e o Turismo, como referência ao contexto, a fim de esclarecer a sua origem. A palavra patrimônio de origem latina *patrimonium* constituía heranças e bens de família. Passou a ter um sentido mais abrangente, atingindo também os bens culturais ou naturais, através de um processo de proteção e tombamento, haja vista que a partir da idade média esses bens começaram a ser respeitados e venerados. Chegando-se ao período renascentista, o patrimônio passa a ser identificado com o passado que se diferencia do presente, representando outra época, que se apresenta com distintas realizações humanas. Dessa forma os objetos das antigas civilizações egípcias, gregas e romanas tornam-se ícones, com patrimônios artísticos venerados também por sua beleza estética.

Nesse mesmo entendimento, Fonseca (2005) expõe que durante o período renascentista uma cultura distante a mais de mil anos do presente é considerada sua ancestral. Como o patrimônio passou a ocupar um espaço de importância histórico e artístico, a valorização do passado, a recuperação e a valorização dos bens identificados

com as civilizações Gregas, Romanas e Egípcias, obteve-se um reflexo na educação dos jovens pertencentes à nobreza. Esses jovens nobres começaram a viajar para lugares com fontes históricas de civilizações antigas para fins de educação. O aprendizado durante esse tempo de visitas (dois anos) aos lugares e às cidades antigas fazia parte da complementação do currículo histórico dos estudantes. Desse modo, surgem as viagens culturais denominadas *Petit Tour* e *Grand Tour*, entre os séculos XVI e XVIII sendo uma forma antiga de fazer turismo. Segundo Tosqui (2007) o *Petit Tour* correspondia às viagens a Paris e sudoeste da França e o *Grand Tour* correspondia a mais regiões da França, Roma, Florença, Amsterdã, Madri, e outros lugares políticos e culturais da Europa. Para Dias (2009), as viagens denominadas Grand Tour eram praticadas apenas por nobres e instrutores, com alto poder aquisitivo, acompanhados principalmente de intelectuais como professores.

Dentro da classificação e relação de marcos históricos que comportam o Turismo, Barbosa (2002) aponta Thomas Cook, como um jovem de 32 anos, precursor na organização de viagens, e ainda como o pai do turismo. Acerenza (2002) ainda afirma que Cook teve um lugar de destaque, sendo ele o primeiro agente de viagens profissional com dedicação exclusiva a essa atividade, estabelecendo as bases do turismo. A mudança nas relações sociais nessa época, devido ao capitalismo organizado, proporcionou aos trabalhadores mais tempo livre e acesso à diversão e lazer, tendo em vista a conquista do salário. O turismo passou a simbolizar cultura de status social, pois a burguesia procurava imitar a aristocracia.

Ainda, sob essa ótica, Urry (2001) destaca que os balneários marítimos durante os séculos XVIII e XIX eram indicados como lugares de cura, através de prescrições médicas, em que os banhos de mar teriam a capacidade de sanar todos os males. Os meios de transportes, nessa época, mais desenvolvidos, tornam-se fatores determinantes para o crescimento e concretização das viagens aos balneários marítimos. Schossler (2010) comenta que os ingleses foram os pioneiros das estações balneárias, seguidos dos alemães e franceses.

Com a divulgação das informações sobre a importância dos banhos para fins de saúde, desenvolve-se a criação de espaços apropriados para a prática do banho e faz surgirem às estâncias termais, as casas de banho, os balneários e os sanatórios. O capitalismo industrial tornou-se a esteira para o desenvolvimento das condições das

peças para o transporte e a saída da rotina das cidades, para o descanso e para a recreação, atividades estas, consideradas instrumentos para a conservação da saúde.

Na atualidade, o turismo sofre transformações, em que a busca do homem pela prática de lazer e evasão de tensões atende-se a uma necessidade para sua saúde física e mental. Assim pode-se dizer que o homem ao movimentar-se e ao interromper sua rotina através de viagens, passou a incorporar essa condição ao seu conjunto de valores. Além dessa necessidade, a curiosidade torna-se um estímulo que leva o homem ao seu deslocamento na procura de satisfações de conhecimentos, desbravamentos que envolvem toda estrutura turística. Dentro desse contexto, verifica-se que o processo natural é de ordem psicossocial.

Ao fundamentar o turismo de acordo com a Organização Mundial do Turismo classifica-se como uma atividade que se baseia no deslocamento de pessoas fora de seu habitat, durante períodos de tempo variáveis, por no mínimo 24 horas e menor que 12 meses, com a finalidade de retorno.

Para Padilha (1994), entende-se que Turismo é fundamentalmente social, pois a atividade envolve o movimento e a inter-relação das pessoas no deslocamento voluntário e temporário de pessoas ou grupos, por motivos de recreação, cultural, saúde, descanso, deslocando-se do seu lugar de residência.

Para Funari e Pinsky (2005), a essência do turismo é a troca de experiências, o contato humano e cultural, pois as viagens realizam-se por vontade própria, haja vista a tecnologia atual em que as pessoas têm acesso a quase todas as atividades sem sair de seu ambiente natural. Nesse sentido as viagens acontecem conforme as decisões das pessoas se e quando optam por conhecer outros costumes, outros povos e outras realidades.

O Turista, ao fazer suas escolhas de roteiro, quando decide por conhecer uma determinada cultura e sua identidade cultural, está aberto a entender e aprender os significados, os sentidos, a simbologia, construindo um conhecimento vivido do objeto e da história. Nesse momento a memória a identidade do patrimônio, conectam-se diretamente ao turismo e à história.

Segundo Monfort (2002), o turismo cultural depende de três condições: do desejo de compreender e conhecer os objetos, os homens e as obras; de um objeto com

significado cultural – espetáculos, obras de arte, monumentos; e uma pessoa ou material escrito ou visual, que introduza o produto cultural gerando valor e atrativo para o turista.

Para Menezes (2006), o turismo e a história são conceitos que estão interligados em discussões fundamentadas de trabalhos que envolvem a interpretação da cultura passada e o presente. O turismo, como construção, organiza as manifestações culturais como possibilidades interpretativas. Ao reconhecer um espaço ou objeto como sendo um produto turístico na sua estrutura cultural, o patrimônio que está vivo para o turista, compreende a história, tradições, arte, valores, práticas e costumes. Nesse contexto, a procura por produtos histórico-culturais compreende a herança cultural herdada de outros tempos. Ao explorar o turismo cultural, torna-se importante o debate sobre a relação do turismo com o patrimônio cultural, considerando sua essência na geração de recursos econômicos.

Verifica-se que o conceito de cultura é extremamente amplo, entretanto quando se fala de Turismo cultural, este obtém uma conotação restritiva. O termo Turismo Cultural designa uma modalidade de turismo cuja motivação do deslocamento dá-se, segundo Andrade (1976), com o objetivo de encontros artísticos, científicos, de formação e de informação. Caracteriza-se por uma permanência prolongada e um contato mais “íntimo” com a comunidade, dentro da mesma localidade ocorrendo viagens menores e suplementares com o intuito de aprofundar-se a experiência na cultura.

Percebe-se nas manifestações culturais, da arte, dos costumes, dos artefatos que existe uma relação visível que a cultura exerce sobre o turismo, lembrando que o turismo também se apropria da cultura no que diz respeito à formação das expressões culturais para o desenvolvimento do turismo. As expressões culturais turísticas comprovam que a participação da comunidade envolvida com a identidade do lugar sustenta não apenas o atrativo, mas a própria estrutura receptiva do turismo (Menezes, 2006).

Diante disso, o turismo como uma expressão cultural cerca-se de funções, em que estimular os fatores culturais dentro de uma comunidade, torna-se uma maneira de fomentar recursos para atrair visitantes e incrementar o desenvolvimento econômico da região turística, na qual tem potencial e material para se desenvolver nesse setor, baseando-se nos princípios do desenvolvimento turístico sustentável.

O turismo cultural com suas representações trabalha na construção de aspectos e identidades que se entrelaçam com o patrimônio cultural das comunidades, presentes nos espaços sociais e físicos como: monumentos comemorativos e fúnebres, arquitetura, imagens fotográficas e na própria organização do cotidiano. Assim, a segmentação no setor do Turismo Cultural atinge um público específico em que se motiva a participar, pois possui características próprias peculiares, como: nível de escolaridade mais elevado, possível de entender o conteúdo do patrimônio visitado seja ele material ou imaterial. Na sua grande maioria, os turistas que praticam o turismo cultural, possuem curso superior, falam ou compreendem outras línguas e costumam viajar com frequência.

Batista (2005) defende o turismo cultural dizendo que não é um modismo passageiro. Percebe-se que está intimamente ligado aos jovens, de 15 à 25 anos de idade, à sua demanda intelectual que nos últimos 30 anos cresceu consideravelmente. No intuito de divulgar e preservar suas origens, o Turismo Cultural importa-se com a revitalização de áreas urbanas nas comunidades com expressões culturais.

Para isso, Meneses (2006) salienta que existe também um aumento considerável em relação à busca de informações sobre os bens que documentam o passado, construindo-se uma cultura a ser desvendada e valorizada. Novas formas da busca de conhecimentos foram empregadas na cultura de viagens de turismo, onde se introduziu a literatura informativa de turismo, o conhecido guia de turismo, para atender o gosto de um público selecionado que tem por objetivo desbravar novos interesses e novas perspectivas frente ao mundo. Percebe-se que os escritores dessa literatura possuíam intenções variadas, mas notavelmente com a ideia de atrair os viajantes para culturas e histórias exóticas, e diferentes das normalmente vividas por eles.

Cabe destacar que a literatura romântica contribuiu de forma importante para o turismo no século XIX, pois ressalta-se a disposição e o entusiasmo do viajante, com a ilusão de reviver cenas relatadas nos livros que fizeram parte de seu imaginário. Tal sentimento apoia-se nos sonhos, na ilusão, na ansiedade no exotismo e no fantástico que as viagens escolhidas e desejadas pelo turista dispõem-se a oferecer.

Segundo Lanci da Silva (2007) o turismo passa a ser percebido como turismo moderno a partir do século XX, onde a transformação dá-se pela construção cenográfica de lugares turísticos para atrair os turistas, e muito criticados por sua desvinculação com

a cultura, a identidade e a história. Por outro lado Rodrigues (1985) entende que a construção desse espaço artificial muitas vezes satisfaz o imaginário do turista, concluindo que sua criação não é sem razão, pois atinge o objetivo da fantasia imaginada pelo turista, em que diferencia-se do local de trabalho, sendo economicamente positiva para o desenvolvimento do espaço.

No século XX a sociedade capitalista industrial incentivou o consumo por bens materiais, nessa ótica Funari e Pinsky (2005) apontam que a atividade turística promoveu-se sob o impulso de diversas atividades, tornando-se um produto de consumo cultural, os espetáculos teatrais e eventos culturais foram complementados com o patrimônio cultural, representado por monumentos locais, edificações e museus, valorizando culturalmente a atividade turística.

Na década de 1930 as discussões em torno do patrimônio cultural estabelecem, no Brasil, uma forma de pensar na herança cultural como um lugar de memória e a prática da preservação. Neste contexto estruturam-se as políticas públicas voltadas para a preservação e proteção dos bens culturais materiais. Em 1937, com as ideias de intelectuais modernistas brasileiros, cria-se o SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), primeiro órgão federal que tem por objetivo a preservação e tombamento do patrimônio histórico e artístico nacional.

Nessa mesma linha de raciocínio, em 1967, durante uma reunião na cidade de Quito, no Equador, promovida pela OEA (Organização dos Estados Americanos), os países americanos, inclusive o Brasil, que participaram assinando a chamada Carta de Quito, na qual comprometiam-se a realizar programas e reconhecimento do patrimônio fazendo parte do desenvolvimento nacional, Com a cooperação do setor privado e a participação da comunidade para o desenvolvimento dos projetos.

Ainda Funari e Pinsky (2005) citam a fundação da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo) e o CONTUR (Conselho Municipal de Turismo) como suporte de coordenação turística, para atender as necessidades econômicas e culturais das atividades de turismo a serem desenvolvidas, pois o processo capitalista, cuja produção em grande escala explora áreas naturais com muita intensidade, haja vista que são bens de uma relação do poder de uso e não medido pelo de troca.

O surgimento dos ambientalistas que lutam pela sensibilização aos temas de conservação e preservação da natureza aconteceu após a degradação do meio ambiente

pelo homem, e buscam informar e fazer entender a indústria do turismo e as comunidades locais que o turismo deve ser feito de maneira que satisfaçam os turistas sem comprometer a satisfação das necessidades das futuras gerações (Swarbook, 2000).

3. TURISMO DE NECRÓPOLE

Haja vista as opções tradicionais de turismo histórico-cultural oferecidas no mercado como atrativo, surgem também o Turismo Cemiterial como uma ferramenta de informação cultural capaz de transmitir, de uma forma diferente, o conhecimento através da educação patrimonial. Segundo Osman e Ribeiro (2007, p.3), o cemitério é um ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo. Este formato de produto não é muito trabalhado no Brasil, mas vem adquirindo uma nova dimensão, já que o olhar voltado para os campos santos vem tendo uma maior conotação cultural, histórica e artística.

3.1.A morte e os ritos

Dentro do contexto histórico sobre o assunto referido, Nicácio (2006) observa que o turismo é uma atividade que vem sendo exercitada desde a antiguidade nas mais diversas partes do mundo, pois se podem observar os deslocamentos de pessoas para celebrar os ritos referentes à morte de familiares e amigos, evidenciando o chamado turismo cemiterial.

Para entendimento do rito fúnebre, em que a arte cemiterial evidencia-se, traça-se uma linha temporal, dirigida a um entendimento pormenor do contexto social e cultural, entre a pré-história e o século XX, que fez originar o ambiente, transformado em um museu a céu aberto.

Em tempos mais remotos, no período pré-histórico o homem descobriu que, para a preservação do corpo fora da ação dos abutres e das bactérias, era importante guardar os mesmos em grutas naturais. Por essa atitude do homem, mais tarde foram encontradas grandes ossadas humanas do período pré-histórico.

Na antiguidade, nas civilizações egípcias, os homens acreditavam que voltariam a viver depois de sepultados, por isso as pessoas que acompanhavam o seu sepultamento praticavam rituais, enterrando junto com o falecido os objetos necessários como vinhos, alimentos, armas, roupas e aprendiam a embalsamar o corpo do morto, em forma de múmia. Para os faraós eram construídos túmulos diferenciados, em forma de pirâmides. Em se tratando de gregos, as cerimônias fúnebres eram semelhantes, sendo realizados os mesmos cuidados pelos familiares, que acreditavam que as almas dos falecidos tornavam-se divindades que cuidariam de seus parentes como forma de

agradecimento pelo ritual de derramação de vinho e alimentos para lhes matar a fome e a sede (Bettega, 2004 p.97). Igualmente, os gregos olhavam a morte de maneira mais realista, pois Aristóteles afirmava que a “morte era a mais terrível das coisas terríveis; é o fim e nada pode ser nem bom nem mal para o morto” (Ferreira, 2009). Os gregos também afirmavam que o sono era irmão gêmeo da morte, por isso os cemitérios eram chamados de “lugar onde se dorme”.

Os romanos encaravam a morte como um cumprimento de um ciclo da vida, sendo apenas a passagem de um estado para outro. Devido ao poder político dos romanos que conquistaram vários povos, a civilização romana assimilou crenças e cultos de várias nações. Sendo assim, foram diversas as elaborações de seus rituais fúnebres. Como exemplo construíram obeliscos, templos, monumentos, grandiosos túmulos e necrópoles afastadas das cidades, em reverência aos mortos. A estrutura construtiva dos gregos influenciou essencialmente na arte cemiterial romana, onde eles adotaram as colunas dóricas, jônicas e coríntias para a realização dos seus túmulos (Borges, 2013).

Na Idade Média, a Igreja era o órgão responsável pelo corpo dos mortos cristãos, sendo ela a cuidadora do cadáver, dos costumes fúnebres, dos enterros e tudo que envolvesse o sepultamento. Segundo Elusta (2008), o ritual do sepultamento começava na casa do falecido, seguia em direção à igreja com a finalidade de realizar-se a inumação. A partir desse processo, estabelecia-se uma ligação da morte com o início da vida eterna em um espaço sagrado, sem identificação individual do sepultado.

A partir do século XII, os túmulos passaram a receber identificação individualizada com o aparecimento da classe burguesa que com sua emergência passa a exigir essa identidade.

Bauman (2001) comenta que a partir da Idade Moderna os túmulos tornam-se cada vez mais visíveis, devido ao culto à saudade pelos entes familiares. Assim, com a materialização dos túmulos que também demonstravam o status social da família, os antigos costumes greco-romanos voltam a reportar-se no tempo.

Ao final do século XVI e início do século XVII, Foucault (1996) salienta que o mundo europeu passa a preocupar-se com a população em relação ao seu estado de saúde. Assim, o cuidado sanitário do povo passa a ser de interesse do estado que desenvolve projetos de melhoria de saúde das pessoas. Tendo em vista que a população

estava carente de saneamento básico, foi preciso desenvolver uma articulação da medicina social com a estrutura das cidades. A água e o ar, elementos básicos da saúde, deveriam ser controlados, através de purificações e ventilações de maneira que se mantivessem saudáveis, pois eram considerados provocadores de doenças. Devido a esse processo de reestruturação urbana, foram implantados espaços cemiteriais para o sepultamento das pessoas contaminadas, que não resistiam às doenças, espaço esse, determinado longe dos conglomerados das cidades.

Relacionando-se o processo de urbanização em função do excesso de epidemias, ainda Foucault (1996) comenta que os cadáveres – cujos familiares que não tinham condições de pagar um túmulo individual – eram jogados uns sobre os outros no interior do cemitério, inclusive até sobre os muros. Essa menção de Foucault (1996) refere-se ao descaso no Cemitério dos Inocentes, no centro de Paris, mas o mesmo fato ocorria com todas as cidades europeias, causando pânico e doenças conforme retrata a figura 2.



Figura 2 - Cemitério dos Inocentes

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

No que se refere aos sepultamentos realizados nas igrejas, o excesso de cadáveres originava odores, sendo assim a acusação de feitos pela alma e nada feito pelo corpo do morto, pesou sobre os ombros da igreja. Bellomo (2000) destaca que no Brasil o processo de sepultamento dos mortos nas igrejas, mesmo em tempos modernos, era realizado pelos colonizadores, com a mesma intenção dos enterros anônimos medievais com a finalidade dos falecidos ficarem perto dos santos.

Ainda, de acordo com Silveira (2010), a Igreja Católica – no Brasil Colônia – mantinha a necessidade dos sepultamentos dos católicos nas igrejas, para confirmação que o templo era lugar de convívio entre mortos e vivos. O local onde os mortos deveriam ser enterrados poderia ser tanto na área interna ou externa da Igreja. No século XIX, os homens católicos mantêm a crença sobre as condenações de suas atitudes na vida terrestre que deveriam pagar após a morte, que significava o começo da vida no reino invisível, por esse motivo os homens tratavam de todas as maneiras para salvar suas almas. Os pecados mortais determinavam sofrimentos às almas maculadas que causariam sua passagem para o inferno.

Dentro desse contexto, Silveira (2010) identifica que o homem católico deseja ansiosamente condições para sua salvação ou para “o morrer bem.” Com essa ideia os homens pensavam em praticar o bem, temendo inclusive o purgatório que era um espaço de purificação da alma. Como forma de contrição dessas almas os vivos praticavam as preces com a intenção de alcançar as almas dos mortos.

Como marco de mudança na forma de sepultamentos, no século XIX, no Brasil, foram introduzidos pela família real, a partir de 1808, os enterros fora das igrejas. Cabe destacar que a proibição dos sepultamentos em espaços fechados ocorreu a partir da metade do século XIX pela corte imperial, que determinou em 5 de setembro de 1850 através do decreto nº 583, a construção de novos cemitérios a céu aberto. Mesmo após o decreto da corte imperial, igrejas no Brasil, preservam seus túmulos dentro dos templos, conforme na figura 3.



Figura 3 - Igreja Ouro Preto - Sepulturas dentro do templo

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Faz-se importante esclarecer a forma de sepultamentos da época. Silveira (2010) descreve como as pessoas eram sepultadas na parte exterior das igrejas. No espaço dentro do corpo do templo encontravam-se as campas que eram pequenos quadrados de madeira, cobriam o chão de um metro e meio de comprimento e distante dez centímetros entre uma cova e outra, no lado externo, chamado adro, localizavam-se as sepulturas consideradas com desprestígio, que eram adquiridos sem custo por escravos e pessoas pobres. O interior dos templos católicos se dividia em três áreas distintas para o cemitério de campas. No corpo da nave das igrejas estão as campas de tamanho maior e prestígio menor e as sepulturas de valor maior estão situadas na capela mor.

Vale ressaltar que esta prática nunca deixou de existir, segundo a historiadora e pesquisadora Sial (2007). Pode ser encontrada nas igrejas antigas de Recife, pois as irmandades, confrarias ou a própria paróquia, como fonte de renda exercem essa prática em que os mortos são enterrados em cemitério das cidades e após o prazo de dezoito a trinta e seis meses, os restos são exumados e levados para serem guardados nas igrejas chamados ossuários, que geralmente encontram-se onde estavam as catacumbas; para obtenção do espaço, é necessário o pagamento de uma joia acrescida das taxas anuais.

Ao reportar-se ao século XIX, como forma de diferenciação dos membros da realeza e nobreza, eram realizadas construções de túmulos suntuosos que demonstravam a riqueza e a posição social. Com a chegada de Dom João VI, que possibilitou a entrada no Brasil, de túmulos importados da Itália, Portugal e França, o estilo artístico barroco da igreja católica, foi aos poucos sendo substituído pelo estilo neoclássico.

Já Rezende (2000) afirma que a mulher representava um papel inferior na sociedade. Haja vista que os cemitérios de origem europeia, possuem espaços tumulares visivelmente marcados pelo patriarcalismo, pois o destaque é dado ao nome do patriarca da família.

Borges (2013), por seu turno, comenta que no século XIX o arquiteto Francês César Daly propôs uma teoria sobre cemitérios com questões dirigidas à saúde pública e à cultura familiar, onde todos os monumentos funerários devessem expressar três ideias ou sentimentos: a ideia da morte, a ideia religiosa e a homenagem ao morto. A arquitetura funerária da época não foi afetada pela proposta de César Daly, permanecendo sua produção nos moldes anteriores.

Nos séculos XX e XXI, as representações das artes dos cemitérios começam a ser estudadas no Brasil. Nesse sentido, Charão (2009) comenta que na Bahia, Clarival Valadares inicia a pesquisa cemiterial catalogando túmulos baianos como uma nova área de análise cultural, comportamental, arquitetônica e patrimonial. No Rio Grande do Sul o professor Harry Rodrigues Bellomo consolida os estudos com sua tese de mestrado, apontando os valores, crenças, estruturas projetadas pela sociedade nos cemitérios. Os Campos Santos são, desta forma, fontes escritas e não escritas para história, permitindo a compreensão das relações sociais que estão sempre em transformação. Como forma de abrigo das informações e transmissão de conhecimento histórico e arquitetônico os cemitérios tornam-se museus a céu aberto.

Pereira (2013) acrescenta que antes do sepultamento, seja nos cemitérios ou nas igrejas, de maneira suntuosa ou precária, em evidência com arte tumular ou não, os ritos como evento da morte continuam a ser realizados. Por mais desafiador que seja o enfrentamento da morte, lidar com ela torna-se necessário, pois a dor é inevitável e o homem procura maneiras de amenizar esse sofrimento.

Para isso, Pereira (2013) descreve como exemplo, a igreja católica que segue ritos tradicionais e presentes no imaginário religioso, como a unção dos enfermos, as exéquias, a missa do sétimo dia e a tradição de se rezar pelos mortos. A igreja pratica o sacramento da unção como a preparação para a morte, ela não cura o doente, mas ajuda na maneira de se lidar com a enfermidade e a impotência diante da morte. As exéquias envolvem as cerimônias fúnebres, tristes, emotivas durante a encomendação das almas.

Caracteriza-se o velório como forma de cerimônia pelo comparecimento de pessoas junto ao defunto exposto durante o período anterior ao seu enterro ou cremação. Com o óbito ocorre uma transformação na vida da família, e a missa de sétimo dia é realizada como marco simbólico divisório entre o período da morte e o começo de um novo ciclo na vida familiar.

3.2. Turismo Cemiterial: Roteiro mórbido

Para tratar dos campos santos que fazem parte de um contexto que envolve – certos mistérios no imaginário cristão – o turismo de necrópole, deve-se ressaltar que esses lugares de memória são envoltos por um sentimento de encanto e rejeição, exercendo por si só um quadro de paradoxos. Aborda-se ainda dentro da sistemática de práticas turísticas as estruturas e os monumentos mortuários, que se valem de um expressivo complexo de mosaico cultural.

Segundo Pegas (2013), o conceito de turismo está interligado entre a morte e os sentimentos de dor e sofrimento, o autor refere-se ao processo como turismo escuro, turismo mórbido, turismo macabro, Dark turismo, já para Brandão (2016), o turismo cemiterial evidencia-se o teor cultural, artístico e histórico, nessa mesma relação dá-se o necroturismo com como lugares assombrados.

Destarte os conceitos negativos a respeito dos Cemitérios, é possível identificar imagens carregadas de informações e emoções positivas em cada ponto dos muitos cenários existentes no universo dos campos santos. Manhães (2010) descreve que poucos lugares despertam tantos sentimentos diferentes nas pessoas como os cemitérios, a ponto de provocar reações como a de evitar contatos mais próximos, mantendo-se afastado do local; outros fingem não vê-los, algumas pessoas demonstram respeito fazendo sinal da cruz, e também existem aqueles que se sentem fascinados pelo ambiente, tendo o mesmo como devoção. O imaginário popular se enche de sentimentos variáveis desde a tristeza, o medo, até o fascínio.

Como o fator emocional aflora durante as visitas nos extramuros, as informações realizadas por pessoas capacitadas de relatar fatos e acontecimentos ligados à história do lugar, auxiliam na percepção da qualidade artística cultural religiosa ali guardada. É possível que o turismo cemiterial produza um efeito de atração dos homens pelos sentimentos relativos entre a vida e a morte, com todo encantamento repleto de emoções reais.

Seja nefasto ou não, é em busca dessas emoções e sentimento que algumas pessoas fazem as visitas aos cemitérios, com a consciência clara que ali se encontra o fim da longa viagem da vida. Sabe-se que a preocupação do homem moderno com a superficialidade de suas vidas tem o mesmo sentido da preocupação

com o sagrado pelas sociedade primitiva. Consequentemente, se os cemitérios são fontes de emoções reais é resultado dos sinais legítimos de cultura que os construiu.

Devido à pluralidade milenar nos ditos Campos Santos encontram-se elementos materiais, em volta do que pode-se considerar cada sepultura, um “Monumento ao Morto”. Os materiais como: cruzeiros, epitáfios, estátuas, estrelas, caveiras, símbolos maçônicos, objetos valiosos como metais, nos remetem a quem está sepultado, conferindo certa imortalidade ao espaço, julgado indestrutível (Rezende, 2007).

Borges (2002) cita que os cemitérios contribuíram para romper o anonimato dos sepultados, permitindo também a valorização dos espaços dos túmulos dos que possuíam mais valor aquisitivo. Dessa forma, os cemitérios permitiram as análises do simbolismo representado na arquitetura dos túmulos ali presentes. Isso remete a descoberta de riquezas tanto de recursos, cultura, religiosidade e a história que envolve o cenário. Ao mesmo tempo em que contribuía com o bem-estar da população, o surgimento dos espaços fúnebres possibilitou a diferenciação social, pois a construção de capelas individuais e túmulos monumentais evidenciavam o poder, refletido na sociedade burguesa do período.

Para Bastianello (2010), patrimônio significa uma herança, algo herdado, e nessa perspectiva o túmulo também é uma propriedade herdada de nossos antepassados. Com isso, somos nós que devemos conservá-lo e preservá-lo, sendo esse patrimônio, também, merecedor da atenção de políticas públicas.

Também Cynbalista (2002) destaca que a elite passou a organizar o espaço do campo santo, de acordo com a organização do espaço urbano. Como já estudado os cemitérios surgiram a partir da necessidade de afastar os mortos do ambiente dos vivos, haja vista as ideias racionalistas das elites culturais interessadas no desenvolvimento do cuidado da saúde e o bem-estar. É possível ressaltar inclusive, que algumas doenças contagiosas ainda no século XIX e XX ocasionaram mortes em massa, assim como a cólera, a tuberculose e outras doenças virais, por esse motivo verifica-se o surgimento de cemitérios afastados do perímetro urbano, formando um novo espaço territorial modificando a paisagem anterior.

Acredita-se que o atrativo do teor cultural artístico e histórico dos cemitérios foi percebido há algum tempo pelas associações turísticas internacionais, com a finalidade de agradar o turista. Cabe destacar que alguns pesquisadores como Cabanas e

Ricci (2008) já perceberam que a necrópole (cemitério ou cidade dos mortos) é um microcosmo, uma cidade dentro de outra cidade, reunindo pessoas célebres, símbolos, arquitetura, história e curiosidades que enaltecem a cultura local.

Atualmente, o turismo é a atividade econômica promissora do mundo e se firma cada vez mais, como grande gerador de divisas e empregos, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento de várias localidades deixando de estimular o turismo histórico cultural, o país perde uma fonte de renda com inigualável capacidade de desenvolvimento para a população, pois a riqueza fica no ponto turístico e impulsiona negócios, dos mais modestos aos mais sofisticados.

Com a ocorrência das mudanças sociais, políticas e econômicas, houve a mudança da concepção de morte, o que propiciou novas formas de exploração dos campos santos. De acordo com Osman e Ribeiro (2007), a inclusão dos cemitérios em roteiros turísticos das cidades leva também a uma necessidade de organização dos recortes geográficos.

Visitas guiadas em dias estabelecidos, além de placas de identificação e localização das personalidades ali sepultadas, também são práticas do planejamento e organização do espaço cemiterial, com a cobrança opcional de entrada na visitação do espaço turístico. Outra prática da organização e planejamento do produto turístico, pode ser a venda de material informativo de orientação a respeito do espaço cultural à espera do turista.

Para Tavares (2002), os roteiros turísticos referem-se aos itinerários de visitação organizada, com a finalidade da prática do turismo. Os roteiros ocorrem em diferentes locais, como áreas urbanas ou rurais, regionais, nacionais, internacionais, ou entre elas, possíveis de observar como uma ferramenta disposta a análise da realidade do local.

Já para Cabanas e Ricci (2008), o turismo em necrópole aparece como uma alternativa turística que envolve outros segmentos: cultural, hoteleiro, gastronômico, negócios, eventos, urbano, antropológico, familiar, religioso e receptivo. É importante conceber esse espaço em que a religiosidade interage com a prática do turismo cultural como um patrimônio no processo turístico abordado em um sistema multidisciplinar, envolvendo dimensões: econômica, social, cultural, científica, educativa e ética.

Por outro lado, Osman e Ribeiro (2007) referem-se ao turismo de necrópole, em algumas partes do mundo, como a Europa, onde já existe uma tradição consolidada de visitação aos cemitérios, um novo segmento turístico que no Brasil ainda não é muito explorado. Como forma de ressaltar a importância do acervo tumular, a educa o patrimonial e a prática de visita o turística, contribuindo para o desenvolvimento e divulga o histórico cultural, faz-se necessário observar que existem cemitérios que são mundialmente famosos como o Cemitério da Recoleta, na cidade de Buenos Aires, na Argentina (Figura 7), o Cemitério Highgate em Londres, na Inglaterra (Figura 9). Nesse sentido, as necr pols são exploradas turisticamente, gerando lucro e desenvolvimento nas cidades em que estão localizadas.

Segundo Osman e Ribeiro (2007), os cemitério de Paris P re-Lachaise, Montparnasse e Montmartre, são os três mais famosos cemitérios da França e do mundo. Como prática turística o campo santo P re-Lachaise, recebe uma gama de pessoas, aproximadamente três milhões de visitantes por ano. Essas pessoas que se dirigem ao cemitério são pessoas interessados em passear, visitar os túmulos de pessoas ilustres, de ídolos, apreciar esculturas de artistas, e até mesmo para valer-se das sombras das árvores, admirando a beleza do espaço cemiterial que possui 44 hectares de área e que foi construído por Napoleão Bonaparte em 1803, conforme figura 4.

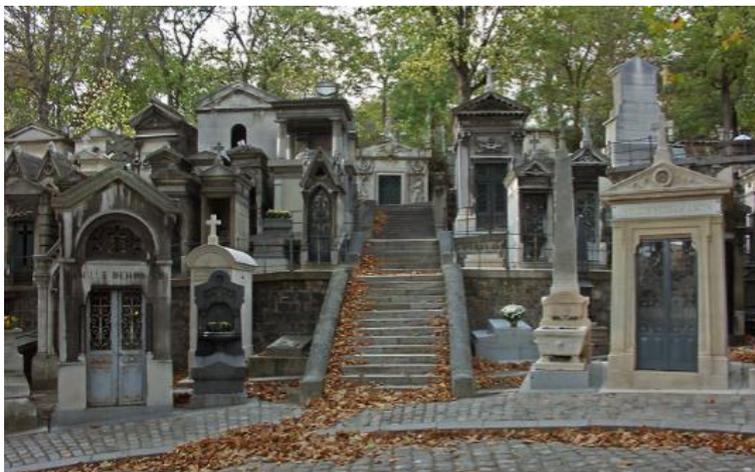


Figura 4 - O campo santo P re-Lachise, Paris

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Ainda na França, os Cemitérios de Montparnasse, construídos em 1824 e o Montmartre, inaugurado em 1825, também possuem em seu espaço os túmulos de pessoas ilustres e famosas como o escritor Guy de Maupassant, Jean Paul Sartre e sua

esposa, a feminista Simone de Beauvoir, o escritor Henri Stendhal e o pintor e escultor Edgard Degas, de acordo com as figuras 5 e 6 .



Figura 5 - Túmulo de Simone de Beauvoir e seu esposo Jean Paul Sartre, em Paris

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.



Figura 6 - Túmulo do escritor Émile Zola no cemitério de Montmartre, em Paris

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Na cidade de Buenos Aires, na Argentina, o cemitério da Recoleta, datado de 1822, abriga entre outros mausoléus famosos, o túmulo de Evita Perón, esposa do ex-presidente da Argentina, Juan Domingo Perón, como mostra nas figuras 7 e 8.



Figura 7 - Recoleta em Buenos Aires, Argentina

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.



Figura 8 - Foto do mausoléu de Evita Perón, Argentina

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Osman e Ribeiro (2007) comenta ainda que o cemitério de Highgate em Londres na Inglaterra, muito frequentado por turistas e curiosos, foi inaugurado em 1838, e recebe por ano mais de oitenta mil turistas. Nele estão enterrados os restos mortais de Filósofo Karl Marx, além de outras pessoas ilustres, conforme as figuras 9 e 10.



Figura 9 - Highgate em Londres, Inglaterra

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

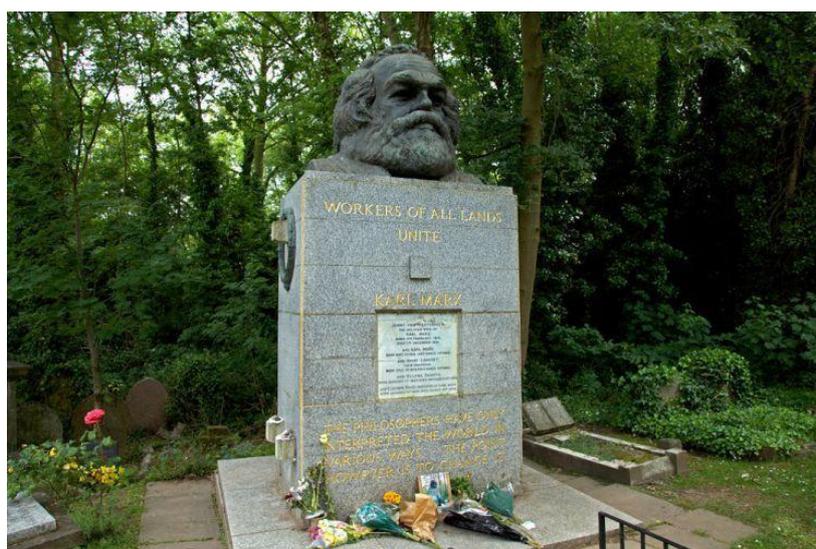


Figura 10 - Túmulo de Karl Marx em Londres, Inglaterra

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Osman e Ribeiro (2007) salientam, ainda, a importância que recebe o cemitério Père-Lachaise em Paris em relação ao museu do Louvre e à torre Eiffel na França, pois como atrativos turísticos consolidados o museu do Louvre e a torre Eiffel recebem por ano aproximadamente cinco milhões de visitantes e o campo santo recebe em torno de três milhões, ao comparar pode-se entender a capacidade de atração, como bem cultural e histórico tem a necrópole que se referencia a um museu a céu aberto.

3.3.Arte funerária e suas representações, manifestações e simbologia

O homem muito questionou a possibilidade de sua subsistência à morte, desafiando situações referentes a seus limites na vida terrena. Com a morte comprova-se a consciência do homem de seu próprio fim. Ao que se segue à morte surge a esperança de uma vida em outro plano. Para superação da crise dessa impotência, Bellomo (2008) mostra que, devido aos sentimentos perante a morte, surgiram os ritos, que fazem reverências, magias, atos de várias espécies, mas que no fundo apresentam o inconformismo com essa condição e um meio de sobreviver em outra dimensão.

De acordo com Rezende (2007) a palavra cemitério vem do Grego *KOIMETERION*, que significa local onde se dorme. Nos cemitérios, como lugar de manifestação da memória seus moradores se eternizam, através de uma representação tumular em que as práticas religiosas, os costumes da sociedade e os estilos artísticos se somam, construindo um grande acervo material ou imaterial, em que é possível sua interpretação.

No cenário em que está inserida a arte tumular, é possível relacionar os períodos através de uma linha cronológica, em que Oliveira et al; (2006) descreve que a arte funerária esta presente nos rituais desde os primórdios.

Percebe-se que no período Pré-histórico, segundo Bellomo (2008), os mortos eram enterrados com objetos pessoais que os representavam, como maneira de garantir a sobrevivência do morto em outra vida. Como referência, estão presentes além das artes, também as crenças religiosas e a identificação com o mundo dos vivos. Ainda no Egito foram construídos pirâmides e mausoléus imponentes, dando importância às estátuas esculpidas e dedicadas aos falecidos. A necessidade de manter a imagem do morto viva para as gerações futuras foi cultivada por muitos anos.

Nesse mesmo raciocínio, Bellomo (2008) destaca ainda o período grego com suas obras funerárias, enaltecendo os heróis e reis para fins de culto cívico da cidade-estado. Os gregos também representam seus valores viris com estátuas de soldados armados e inimigos feridos, e como símbolo da morte, a escultura de um jovem desnudo agarrando um archote virado, significando o fim da vida.

Para Rezende (2007), a arte funerária está sempre ligada com as relações ideológicas, social e econômica, interpretando a vida e a morte. Os romanos como

linguagem simbólica das artes funerárias se expressavam através das pirâmides, pequenos templos de adoração e columbários. Ainda, no período românico final do século XVIII (Bellomo, 2008), manteve-se a tradição dos túmulos e lápides com baixos relevos com representações bíblicas, porém com o desaparecimento das formas clássicas.

Na época gótica aparecem as heresias, a peste negra invade a sociedade e a valorização da vida se fortalece. As imagens anteriores foram substituídas transmitindo os horrores da peste negra e do inferno, com a representação da morte em um esqueleto agarrando uma foice. Para representar a igreja, a fé, a esperança e a caridade aparecem na arte funerária os anjos, os santos e a figura de Cristo.

Ainda, para Bellomo (2008), o barroco apresenta-se de forma dramática e com movimentos, com anjos voando, figuras se contorcendo e as figuras jacentes (figura esculpida em alto relevo do morto, deitado sobre sua sepultura) apresentam-se como se estivessem vivas, meditando ou orando. Com o romantismo continuam as alegorias barrocas, mas também os sentimentos começam a enfeitar os túmulos, sentimentos estes que são o amor, saudade e sofrimento.

As esculturas passam a representar a morte como figuras de um teatro, onde muitas vezes são localizadas para dar a sensação de mais altura para ser assistida pelo espectador. As várias representações do sofrimento nos túmulos apresentam-se isoladamente ou em grupos, com a finalidade de sensibilizar as pessoas a respeito da morte ou sobre o papel exercido pelo falecido socialmente.

Dentro desse contexto do romantismo surge a necessidade da interpretação à memória coletiva familiar, em que nos campos santos sob uma análise das inscrições, fotos, datas e títulos, além dos dados profissionais e pessoais, havendo uma cronologia nos fatos apontados, se pode concluir a identidade do mausoléu (Bellomo, 2008).

No que se referem ao período neoclássico, os modelos gregos retornam com representatividade, tanto com os princípios e verdades do cristianismo, quanto os conceitos emocionais representados nos valores da justiça, coragem, glória, verdade, vitória e paz. O esqueleto já não representa mais a morte, mas sim jovens agarrando o archote em posição contrária. (Bellomo, 2008).

São perceptíveis na versatilidade das necrópoles, como fonte de estudo, informação e identidade cultural as diferentes maneiras que se constituem e apropriam-se das religiões e das questões sociais dos antepassados em sua arte tumular. Rezende (2007) e Oliveira et al; (2006) dão significado à forma de interpretação de elementos funerários, que constituem os túmulos e mausoléus, em que os valores artísticos, relacionam-se com os materiais da arquitetura tumular, com sua riqueza que os ornamentam e os materiais históricos, como espaços de memória representando muitas vezes pessoas ilustres que contribuíram para a história do local, dentro de um recorte geográfico.

Podem-se descrever abaixo, alguns modelos de representações artísticas:

- Palma - significa a vitória e também simboliza a glorificação celestial, isto é o triunfo dos mártires sobre a morte.
- Serpente – entende-se por ódio, inveja e o fim do pecado original; também pode se apresentar como profissional da saúde.
- Tocha - simboliza o fogo dos deuses que foi roubado.
- Cachorro – representa a lealdade, o companheirismo, guardião da alma.
- Ampulheta – é relacionada a crânios e asas, simboliza o transcurso e o escoamento do tempo.
- Cruz latina – representa o sofrimento e o sacrifício, sorte e esperança, a morte através da crucificação de Cristo.
- Anjos – transmitem sentimentos de alegria, tristeza, desolação.
- XP – abreviatura de Cristo.
- Mãos - simbolizam a união.
- Cálice – simboliza os sacramentos cristãos.
- Âncora – por sua semelhança com a cruz de Cristo era utilizada como código pelos cristãos.
- Coroa – simboliza a vitória e também a nobreza.

Catroga (2001), por sua vez, menciona que o monumento imortaliza-se através de seu significado, onde a linguagem da memória é simbólica, pois através dos símbolos que expressam um estado de espírito, uma relação, uma pertença, uma situação traz-se uma lembrança do passado se perpetuando. Segundo Carrasco e Nappi (2009), as obras funerárias, que se referem aos valores imateriais, são as crenças, o culto popular e graças alcançadas; já os valores materiais referem-se ao caráter ambiental/urbano que

estão relacionados aos espaços destinados aos campos santos. Rezende (2007) relata que as obras dos campos santos são classificadas por diferentes tipos: na recordação. Dentro desse contexto, existe a relação do cemitério como forma monumental na sua expressão arquitetônica e como espaço de produção e reprodução da memória.

Os estudos também se referem às diferentes representações da morte em relação às crenças religiosas, com os símbolos cristãos, as inscrições bíblicas e os dogmas do cristianismo evidenciados nos símbolos, nas estatuetas e nas pinturas, com a representação da ideologia política projeta-se com bustos e estátuas de lideranças locais; com a importância artística se expressa em obras de arte que muitas vezes são assinadas por artistas ilustres, sendo essas obras funerárias diferenciadas por tipologias como: a cristã, a alegórica e as celebrativas (Bellomo, 2008).

Segundo Carrasco e Nappi (2009), as obras funerárias, que se referem aos valores imateriais são as crenças, o culto popular e graças alcançadas; já os valores materiais referem-se ao caráter ambiental/urbano que estão relacionados aos espaços destinados aos campos santos. Rezende (2007) relata que as obras dos campos santos são classificadas por diferentes tipos:

Cemitério Judaico – caracteriza-se pelo sepultamento em linha reta, onde os rabinos têm lugar distinto, as prostitutas e os suicidas são enterrados junto o muro da necrópole, de acordo com a figura 11.

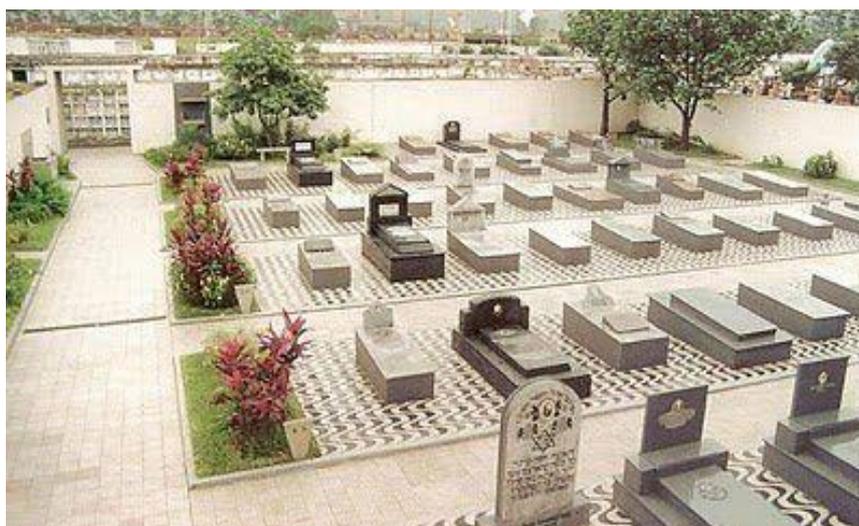


Figura 11 - Cemitério Judaico de Cubatão SP

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Cemitério Protestante – sua origem no Brasil é a partir de 1808, com a vinda de Dom João VI e os imigrantes ingleses, e está ligada pela luta contra o domínio religioso católico sobre os cemitérios, com isso a proibição dos sepultamentos dos acatólicos, de acordo com a figura 12.

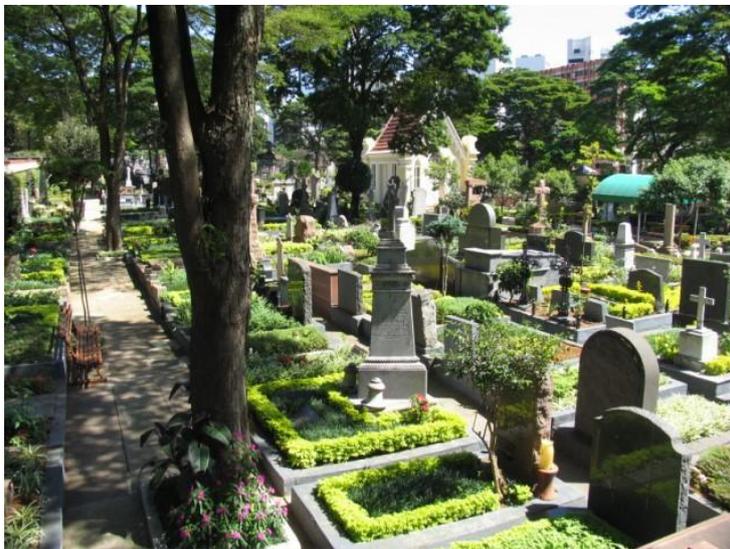


Figura 12 - Cemitério dos Protestantes Consolação na cidade de São Paulo

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Cemitério Tradicional – são os mais antigos em termos de organização, possuem alamedas com ou sem arborização, sua origem europeia do século XVIII e XIX, geralmente abrigam personagens da história local, conforme a figura 13.



Figura 13 - Cemitério Tradicional – Cemitério das Irmandades da cidade de Jaguarão

Fonte: Autoria própria.

Cemitério Popular – caracteriza-se por ser um espaço atribuído às pessoas de baixa renda, que após a exumação, os ossos são depositados em um ossário, o que mostra a figura 14.



Figura 14 - Cemitério Popular da cidade de Manaus AM

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.20016.

Cemitério Parques ou Jardim – refere-se à paisagem sem monumentos, apenas placas de bronze ou granito com a identificação direta no solo; caracterizam-se por promover a igualdade entre os homens, originou-se nos Estados Unidos e no Brasil em 1956 foi fundado o primeiro modelo na cidade de São Paulo, o que se confere na figura 15.

Cemitério Misto – caracteriza-se da participação de sepulturas tradicionais e jazigos populares.



Figura 15 - Cemitério Parques ou Jardim de Blumenau – SC

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Campo (2007) descreve que existem outros tipos de cemitérios com características próprias, sendo eles:

Cemitério vertical - onde os corpos são colocados em gavetas distribuídas em andares um ao lado do outro e as visitas percorrem os corredores por meio de escadas ou elevadores, como mostra a figura 16.



Figura 16 - Cemitério vertical na cidade de Santos, São Paulo

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Columbários – refere-se a pequenos espaços tumulares, onde são depositadas as cinzas após a cremação, conforme o que mostra a figura 17.



Figura 17 - Columbário no Cemitério Père Lachaise na cidade de Paris

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Crematórios – compreendem salas especiais destinadas a incineração de corpos, sua estrutura compõe-se de fornos para cremação dos cadáveres em aproximadamente uma hora, e após sete dias as cinzas são entregues a família em urnas, de acordo com a figura 18.



Figura 18 - Crematório oferecido pela empresa Holandesa DFW Europe

Fonte: Google Imagens – acesso em 29.04.2016.

Como cenário de memórias - construídas e memórias – vividas, Catroga (2001) cita que as necrópoles como museus a céu aberto não revelam somente as recordações identificadas na simbologia, mas também se tornam organizações bibliotecárias em que se podem identificar ainda as intenções cívico-educativas.

Brandão (2016) cita que as necrópoles também servem como fonte de pesquisa e conhecimento de outras áreas como: sociológica, antropológica, lingüística, literária, arqueológica, pedagógica, demográficas, geográfica, histórica, arquitetônico, hidrogeológica e turística.

3.4. Entre a memória, a identidade e o patrimônio: a imagem da fotografia e o resguardo dos museus

O homem, através de suas ações, para que seja possível a vida em sociedade, ao longo dos anos e no dia a dia ressalta sua identidade como forma de diferenciação, identificando-se em um grupo social, político, religioso, étnico.

A identidade é uma categoria extremamente diferenciada dentro das ciências humanas e sociais, podendo ser abordada tanto em relação à questão de gênero, definida a partir da religião, construída com contribuição da atividade profissional, estando intimamente ligada ao grupo étnico.

A identidade de um lugar resgata sua memória cultural e constitui-se de um fenômeno da essência humana em preservar seu patrimônio para si e para futuras gerações, haja vista que a identidade associa-se também aos espaços onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários. A busca de identidade, elemento essencial à memória, é uma das necessidades / atividades fundamentais da sociedade humana até hoje (Félix, 1998).

De acordo com Ranger (2002), a própria definição de Identidade cultural sugere em diferenciar os princípios, os valores e os traços que a marcam em relação a culturas, povos ou comunidades. Essa construção de identidade vai se moldando a um determinado grupo, se apropriando dos valores e manifestações, carregando-os na sua história para ser passado às futuras gerações.

A Memória Cultural identifica-se em motivos que produzem um significado em um dado grupo de pessoas, valorizando a importância dos seus objetos. A memória apresenta-se de várias formas, nos textos, poesias, monumentos, estátuas, ritos ou até mesmo em cemitérios, que de alguma maneira possibilitam recordações e emoções.

Por ser um elemento vivo, a memória pode sofrer modificações e alterações ao longo do tempo, sendo entendida como um elemento fundamental na formação da identidade cultural individual e coletiva, instituindo tradições no registro de experiências.

Dentro desse contexto, a memória cultural constrói, afirma e reafirma a identidade de um povo. Desta maneira pode-se dizer que memória são lembranças, reminiscências e vestígios, que servem como registros, permitindo assim a construção

de uma identidade individual e coletiva. Ela também estabelece relação entre o passado e o presente permitindo enxergar o futuro.

Para fazer uma relação entre a memória e o patrimônio deve-se compreender a preservação do passado através das edificações para o melhor entendimento de nós mesmos, haja vista que a memória enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. Quando se menciona resgate da memória, faz-se uma referência ao sentido de identidade.

Meneses (2006) observa dois sentidos diferentes sobre a ideia de monumento. Primeiramente observando o seu significado em latim *monumentum* derivado de *monere* (lembrar), dando a entender que monumento é algo a ser lembrado na prática da Memória, com pensamento de que se quer guardar, enfim que seja digno de memória. Ao contrário do que possa parecer, ainda que de forma paralisada, permanente, o monumento se apresenta de maneira a tornar viva a memória à informação e o processo educativo que revela as intenções sobre acontecimentos, crenças e fatos históricos que ali estão sendo guardados.

O outro sentido dado ao monumento revela-se através da ideia que o mesmo não tem função memorial explícita, e sim de glorificar a criatividade do homem e sua capacidade artística. A partir desse significado a Memória passa a possuir mediadores que não são monumentos: a fotografia, a imprensa e as novas tecnologias.

Farah (2008) relata que a Memória é parte constituinte da identidade e, através dessa memória, o indivíduo revivencia experiências que necessitam do suporte do espaço físico. Funari e Pinsky (2005) relatam que no Brasil somente com a chegada da corte Portuguesa, em 1908, foram criados lugares de Memória, sendo eles a biblioteca nacional e o museu nacional. Posteriormente em 1838, após a independência do Brasil foram fundados o Instituto Histórico Brasileiro e o Arquivo Nacional, com a função de guardar e preservar a história e a memória nacional.

Ferreira (2006) coloca Patrimônio como originado da permanência do passado no presente e para o futuro, resguardando algo significativo para as identidades culturais. Segundo Lemos (2012), o conceito de Patrimônio Cultural é um conjunto de materiais de um povo que está atrelado à memória e à identidade dentro do viés da educação patrimonial conservando o conhecimento e a identificação, onde o autor

defende o legado cultural dos valores das gerações passadas que balizam o presente protegendo o futuro.

Para Poulot (2001), o patrimônio tem que ver com interpretação, assim, é entendido como elaboração de significados, como consequência existe o reconhecimento do patrimônio cultural que não se define como dado, mas como construção social e histórica.

Dias (2009) fundamenta o conceito de patrimônio como um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram deixados pelos antepassados e que como legado deverá ser repassado aos descendentes, como perspectiva de sustentabilidade, com novos significados, e que deverão sofrer novas interpretações de acordo com a nova realidade sociocultural. Como composição de elementos tanto tangíveis ou intangíveis – literatura, artesanato, tradições, língua, dança, vestimenta, religiosidade, materiais históricos e arquitetura, o patrimônio se caracteriza como um agrupamento social, um povo, uma cultura.

Dentro desse contexto, Dias (2009) entende que o conceito de patrimônio cultural evoluiu, o mesmo passou a representar culturas e como tal ser um instrumento de educação. O que anteriormente significava tesouro artístico passou a ser instrumento para o desenvolvimento e avanços na qualidade de vida das pessoas, pois nos últimos anos o patrimônio está atrelado a valores como: beleza, estética, curiosidade, antiguidade, ao invés de tesouro artístico em que uma parcela de privilegiados tinha possibilidade de admirar.

Ainda, sob a análise de Dias (2009), o patrimônio cultural material representado pela capacidade dos homens de adaptação ao meio ambiente e à vida social política e cultural está formado por museus, cidades históricas, construções antigas, patrimônios arqueológicos, paleontológicos, esculturas, documentos e instrumentos musicais. Em relação ao patrimônio cultural imaterial pode se observar nos conhecimentos transmitidos como a língua, música, o teatro, as festas, as crenças, medicina tradicional, ofícios e técnicas antigas, assim como as heranças históricas.

Uma vez que o patrimônio, considerado como categoria de pensamento, é um esforço constante do resguardo do passado no futuro, mas que exige o reconhecimento e o devido valor pela sociedade conferida ao objeto ou ao evento como patrimônio em

questão. Além disso, a autora expõe o simbolismo do patrimônio como um lugar de resistência ao desencantamento do mundo.

Como fortalecimento da importância do patrimônio histórico Choay (2006) relata que os ingleses, apesar de fazerem parte da revolução industrial, são ligados as suas tradições, pois não se conformam com a destruição dos edifícios antigos em favor da civilização nova e, discordam dos americanos que constroem um mundo sem uma lembrança sem nenhuma ruína. Para os ingleses os monumentos do passado fazem parte do cotidiano, e necessários à vida presente.

Guillen (2014) relata a importância do historiador na definição do conceito do Patrimônio Material e Imaterial e da Identidade que nele está inserido. Sua posição como historiador foi de analisar e questionar constantemente a identidade nacional do patrimônio, haja vista que se tornou objeto de definições distorcidas por instituições responsáveis pela definição do mesmo.

Ainda, de acordo com Guillen (2014), faz-se necessária uma revisão de análise e evidências das contribuições dos autores em relação à memória de uma maneira ampla sobre o Patrimônio, bem como dos conceitos aparentes nos seus relatos. É evidente que as pessoas estão sempre buscando as origens dos acontecimentos, como e onde ocorreram, quem foram os protagonistas dos fatos, o porquê dos fatos, como foi transmitido, e se ainda existem pessoas ligadas a eles, comprovando assim que a narrativa da história ou as visitas aos centros históricos sempre transmitem fortes emoções a essas pessoas.

Assim também a sólida formação do arquiteto na restauração arquitetônica preserva os fatos através dos bens culturais. Dessa maneira, as consequências da falta do ensino e da disciplina de restauro arquitetônico nas graduações resultam na destruição de documentos históricos para a conservação da memória coletiva. Somente a partir de 1996 foram introduzidos conteúdos ligados à preservação no currículo da graduação em arquitetura e urbanismo no Brasil, embora as práticas de restauração já fossem trabalhadas com a criação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), antigo SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural).

Maia (2003), por sua vez, pondera o desenvolvimento econômico, defendendo a conservação do patrimônio. A Constituição Brasileira garante o direito de propriedade, mas sem que ela se torne intocável, estipulando limites no sentido de garantir o bem da

coletividade. Essa posição da Constituição Brasileira coloca em xeque o Instituto do Tombamento causando polêmica aos proprietários dos bens no processo de restrição no direito de propriedade.

O processo de tombamento nada mais é que inscrever a propriedade em um livro - O Livro do Tombo. Ele determina a propriedade a ser registrada tanto pública como privado, móvel ou imóvel, considerada de interesse social, que passa a ser de um regime especial de tutela pública. A Constituição de 1988 define patrimônio, mencionando as edificações que são referências à identidade e à memória nacional.

Conhecendo nossa memória social artística e cultural é possível perceber e controlar o processo de evolução através dos tempos. É importante a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural como testemunho da herança de gerações passadas.

Todo esse processo está ligado essencialmente na preservação do patrimônio. A busca da originalidade dos fatos exige uma dedicação e um trabalho extenso em relação ao tempo, para que não sejam perdidos os materiais assim como sendo identificadas e contatadas as pessoas que conservam esse conhecimento.

Dias (2009) fundamenta a importância da conservação e preservação para o processo de tombamento, sendo ele um testemunho da história, como ponte entre o que restou das sociedades antigas compreendendo a relação ente o contexto sociocultural e os bens materiais e imateriais, tendo como valores socioculturais símbolos do modo de vida das comunidades. Com o intuito de conservar os bens culturais que são elencados pela comunidade de modo a reforçar sua identidade, sua história e memória social é que acontece o processo de construção cultural, onde os valores são refletidos e compartilhados.

Ao passar dos anos, as crenças e os ritos fúnebres deram lugar à celebração da memória do morto de modo mais impessoal, mesmo assim, a sua memória é explícita na fotografia distribuída entre as pessoas que participaram da sua vida. A fotografia consequentemente é um dos recursos utilizados para cultivar a memória do morto.

Como registros da história as fotografias deixam vestígios de sua existência, congelando por um instante o fluxo contínuo do tempo, esses registros remetem a grupos sociais que demonstram seus costumes, comportamento, cultura, posição social,

portanto, não é uma simples imagem, e sim, vestígios da vida real, configurando-se ao mesmo tempo como um produto cultural que como valor quer se perpetuar ao longo do tempo. São pedaços do mundo, miniaturas da realidade de que qualquer um pode se apropriar (Sontag, 2004).

O patrimônio histórico e a tradição constituem suportes existenciais de uma sociedade. A preservação de prédios, praças, documentos, livros e fotografia e tudo que sirva como componentes do acervo histórico de um grupo ajudam na construção de uma identidade coletiva. Com o passar do tempo, as gerações transformaram suas maneiras de representar a memória coletiva (Narrativas da cidade).

No livro “Narrativas das Cidades” observa-se que o fotógrafo João Maurício Bragança, a partir de 2008 procura a validade do registro fotográfico como guardião da memória de uma localidade. Devido às transformações físicas e sociais deste mundo a fotografia, uma espécie de máquina do tempo, constitui uma ligação com o passado uma forma de registrar a vulnerabilidade temporal das coisas. O trabalho do fotógrafo João Maurício Bragança reafirma a ideia da importância dos registros fotográficos na atualidade para observação e o não esquecimento do passado no presente.

Sontag (1981) afirma que as imagens que podem ser vistas em fotografias estão ligadas a fatos históricos, não provocando atitudes morais, mas sim as reforçando contribuindo para consolidação de atitudes e um despertar de consciência.

Dubboys (1993) acrescenta que o simples fato de olhar uma fotografia constitui um rito de manutenção de memória, e para Nora (1993) a fotografia pode ser considerada “lugar de memória”. Já para Barthes (1984) ela se apresenta como presença do ser, não sendo esquecida diante de fatos ocorridos.

Através da reprodução da imagem, a fotografia identifica uma nova forma de percepção do conhecer, que tornou visíveis pessoas e lugares. Trata-se de um registro ligado à realidade anterior ao presente, sua materialidade fotográfica apresenta-se como documento histórico, relacionando-se a uma linha temporal do passado. Ao repensar a imagem nas suas diversas faces, os autores das diferentes áreas do conhecimento, abordam a fotografia como uma emoção, que documenta uma história e traz de volta o passado.

Já Catroga (2009), discutindo a relação existente entre memória e historiografia interpreta imagem como substituta da memória que eterniza, resguarda aquilo que não se quer esquecer. Ainda neste mesmo contexto a relação do vivido passa a ver o entendimento da memória como “memória - monumento”, desempenhando a função social através da linguagem – imagem.

Meneses (2006), por seu turno, descreve o registro fotográfico como elemento capaz de traduzir dois momentos da memória: ela documenta uma história e ao mesmo tempo ressuscita um passado.

Dias (2009) mostra que os museus, a partir da revolução francesa no século XVIII, foram abertos à visitação pública devido à apropriação pelo estado, dos bens e coleções da monarquia da nobreza e da igreja católica, assim passando a ser patrimônio público para fins educativos. A conservação dos bens em espaço público significava que os mesmos pertenciam a todos os cidadãos, servindo como instrumento da educação. A partir da Revolução Industrial o conceito de patrimônio era de algo antigo contrastando com a modernidade da industrialização, dessa maneira o isolamento dos patrimônios em museus chamava atenção para a visitação do espaço, contribuindo para a expansão do turismo.

Ainda, segundo Dias (2009), no decorrer do século XIX, em virtude dos museus serem identificados com as elites e os intelectuais, sendo os mesmos admiradores da cultura erudita, seu objetivo educacional, foi perdendo o sentido, haja vista a restrição do acesso do público em geral aos museus. A partir do final da segunda guerra mundial o conceito de patrimônio passou a adquirir inúmeras dimensões sendo elas cultural, social, econômica e política; os museus voltam a ter sua função educativa, com a visitação em massa e o turismo passando a contribuir para a valorização do patrimônio, através do incentivo à população em viagens e descobrir outros lugares, desejando conhecer outras culturas e outros povos.

Funari e Pinsky (2005) demonstram que a relação entre museus e turismo está interligada e vem sendo trabalhada ao longo do tempo com o objetivo da consagração da musealização e, ao mesmo tempo, como estratégia de marketing para o turismo. Como atração ao turista os museus trabalham com as exposições itinerantes, renováveis com o propósito de retorno do turista, proporcionar novas visitas ao museu.

Esse público ao visitar os museus contribui com o desenvolvimento de uma atividade rentável geradora de recursos, aplicados na sua manutenção. O entrosamento entre museu e turismo oferece uma possibilidade de exploração desse produto no mercado de trabalho, que necessita de alguns investimentos por parte do setor privado, público e da comunidade envolvida.

Dentro desse contexto, Boullón (2002) relaciona o conceito de patrimônio com a natureza que pode estar presente na estrutura do meio ambiente natural e a identidade cultural construída por um povo, dando margem ao espaço museológico que está inserido nessa ideia de museus a céu aberto. Como feito de preservação do patrimônio dentro de um espaço geográfico museológico está o fato que ocorreu em 1959, na África com o transporte dos templos de Abu Simbel, que estavam sujeitos a inundações com a construção de uma represa no Rio Nilo, para outra parte da margem que não seria afetada; os templos foram desmontados, transportados e montados novamente, tal feito teve a iniciativa da UNESCO (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), através de uma campanha internacional para proteção do testemunho do passado.

4. JAGUARÃO ALÉM DA HISTÓRIA

4.1.O espaço geográfico

O município de Jaguarão está situado na região sul do estado gaúcho (Figura 19), na zona fisiográfica da Encosta do Sudeste. Sua altitude é de 26 metros acima do nível do mar, com área total de 2.054,390 Km², latitude de 32°33'58" sul e longitude de 53°22'33" oeste (Prefeitura Municipal Jaguarão, 2015). Faz limite ao norte com os territórios de Arroio Grande e Herval, ao leste com a Lagoa Mirim e ao sul e ao oeste com República Oriental do Uruguai. O município possui 28.310 habitantes de acordo com os dados estimados pelo IBGE do ano de 2015 (IBGE, 2016).

As bacias dos rios Piratini, São Gonçalo e rio Jaguarão são fontes hídricas de abastecimento da cidade, sendo o Rio Jaguarão o principal rio do município delimitando a fronteira entre Brasil e Uruguai. O rio Jaguarão nasce próximo à cidade gaúcha de Bagé e deságua em território uruguaio, na Lagoa Mirim. A bacia litorânea, da qual faz parte o rio Jaguarão, pertence à Região Hidrográfica do Litoral ou das Bacias Litorâneas. Ela está localizada na porção leste e sul do Rio Grande do Sul, ocupando uma superfície de aproximadamente 53 mil km² (20,11% do estado) (IBGE, 2016).

O clima do município é subtropical. Os ventos dominantes sopram do sudeste e nordeste. O inverno e a primavera são as estações mais ventosas e entre os ventos característicos temos o chamado "Minuano", extremamente frio e geralmente seco. Também as geadas são frequentes no município nos meses de junho, julho e agosto (IBGE, 2016).

O traçado da cidade manteve o modelo inicial de desenvolvimento, com características europeias. "O quadriculado dos assentamentos tinha por base as projeções militares e seguia o modelo implantado em alguns locais da Península Ibérica." (Ribeiro, 2011).



Figura 19 - Mapa de localização do município de Jaguarão

Fonte: Site Prefeitura Municipal de Jaguarão <<http://www.jaguarao.rs.gov.br/>>

4.2.Sua origem e sua história

O início do povoamento de Jaguarão deu-se em 1802, com um acampamento militar português instalado às margens de um rio, ainda não denominado de Jaguarão. A indefinição da propriedade das terras em volta estava por conta dos países - Espanha e Portugal, pois o Tratado de Santo Ildefonso não esclarecia o domínio dessas terras (Franco, 1980).

Uma guarda de 260 homens da esquadra do Cel. Manoel Marques de Souza pertencente à Monarquia Portuguesa chegou à localidade do Serrito (atualmente Município de Jaguarão), de acordo com a figura 20, para formar a “Guarda da Lagoa e do Serrito”. Ditos militares eram providos pela cidade de Rio Grande, onde naquela localidade abrigavam-se os componentes do Regimento de Dragões, para policiar as fronteiras (Caderno Jaguareense, 2013).

Haja vista as constantes invasões dos espanhóis, que insistiam em alargar o seu território, devido à indefinição da propriedade das terras (Tratado de Santo Ildefonso), a Coroa Portuguesa manteve-se com a presença das Guardas nos territórios ao sul. Ao redor do quartel, chefiado pelo Cel. Souza, foi formando-se, em seguida, um pequeno povoado que abastecia os soldados, comercializando também com os espanhóis da outra margem do rio (Franco, 1980).



Figura 20 - Vila do Espírito Santo do Serrito

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Nesta aquarela de Debret, em 1823 (Caderno Jaguareense, 2013), pode-se visualizar o ambiente em que se encontrava a guarda do Cel. Manoel Marques de Souza, instalada às margens do lado direito do rio. Nela constata-se que o rio era navegável, e utilizado por portugueses e espanhóis em transações comerciais de animais e alimentos. A presença de barcos no rio, que aparecem na pintura, confirma-se a utilização do mesmo como rota comercial. (Villas Bôas e Costa, 2013).

A capela em evidência na aquarela do pintor, consta nas anotações do arcediogo Vicente Zeferino Dias Lopes, conforme o mesmo anotou:

“Sobre um bonito terreno, docemente acidentado, fronteiro à Vila Oriental de Artigas, edificaram os moradores, uma capela dedicada ao Espírito Santo, da qual foi capelão o Pe. Manoel Antônio Martins Vieira” (N. do A. – Fonte: COMENTÁRIO ECLESIASTICO DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO DO SUL DESDE 1737, págs. 72/74. Cópia datilografada existente no Instituto Histórico do Rio Grande do Sul) (Soares, 2011).

Jean Baptiste Debret, artista que chegou ao Brasil em 1816, aos 48 anos de idade, integrava a missão francesa, juntamente com o literato e crítico de arte Joachin Lebreton, para relatar a paisagem e os acontecimentos da época. Quando chegou ao Brasil, Debret revelou-se um grande observador da vida pública e privada, fixando com seu traço minucioso o dia a dia, o bulício das ruas, o negro e a família real, o índio e o fidalgo, as paisagens urbanas e as paisagens rurais (Soares, 2011).

Em 1802, com o fim da guerra entre Portugal e Espanha, os militares, em período de paz, dedicam-se às atividades pastoris e comerciais da região. Esse momento de tranquilidade nas margens do rio marcou o início de possibilidade para o desenvolvimento de uma povoação. A Igreja, como autoridade máxima na cidade, solicita no ano de 1812 a criação de uma freguesia. Já em 1832, a Freguesia do Espírito Santo como já era chamada, passou à categoria de Vila, sendo administrada a partir de 22 de maio de 1833 pela Câmara Municipal da Vila do Espírito Santo do Serrito. (Franco, 1980).

A Câmara envolvia-se com as ideias políticas do momento, participando ativamente de discussões, que culminaram com a simpatia aos movimentos revolucionários de 1835, concordando com Bento Gonçalves, o conhecido “Capitão de Guerrilhas”, que permaneceu resguardando a fronteira da região de 1811 a 1827, não

dando tréguas a Artigas (Banda Oriental), cujos sonhos de pátria grande, incluíam além do Uruguai, parte do Rio Grande do Sul (Caderno Jaguareense, 2013).

Em 1833 Bento Gonçalves não se encontrava mais na Vila, mas havia deixado rastros de sua liderança na presença de dois sacerdotes católicos que faziam parte das primeiras legislaturas da Câmara: o Pe.. Thomas de Souza Siqueira e Silva e Pe. Themudo Cabral Diniz, ambos eram maçons e republicanos (Caderno Jaguareense, 2013).

Dentro do contexto histórico da Revolução Farroupilha, Jaguarão participava ativamente dos ideais republicanos, e batalhas eram armadas às escondidas, na calada da noite nas residências dos maçons pertencentes à loja maçônica Luz Transatlântica, em que o General Bento Gonçalves juntamente com seu irmão Manoel Gonçalves da Silva, comandava os ideais republicanos.

Manoel Gonçalves da Silva presidiu a casa hoje chamada de Câmara de Vereadores, onde teve o primeiro contato com as causas republicanas na Revolução. Os irmãos Gonçalves da Silva foram figuras que se tornaram ícones do imaginário gaúcho devido ao seu ideário republicano com pensamento positivista, viés político liberal, que tiveram influência na vida política de Jaguarão.

As Lojas Maçônicas, na época, tiveram suas ações políticas adequadas ao período das lutas a favor da República, configurando o partido político mais autônomo. Nessa época a cidade de Jaguarão vivia entre os republicanos e os monarquistas, em um embate político. Embora grande parte da população tivesse aderido aos ideais revolucionários da revolução Farroupilha, a forte presença da Guarda Nacional em Jaguarão conseguiu inibir as ações dos revolucionários Farroupilhas que nunca conseguiram tomar a Vila de Jaguarão (Cadernos Jaguareenses, 2013).

Após a “Guerra dos Farrapos”, a Câmara de Jaguarão tentou reorganizar a vida comunitária do local, mas encontrou dificuldades, pois muitos documentos, durante o período da revolução foram desaparecidos. Com o desaparecimento desses documentos originais do município, dentre eles, o registro da elevação de Jaguarão à categoria de Vila, pelo decreto de 1832, a formalização oficial foi registrada no terceiro Livro Oficial da Câmara, com data de 17 de fevereiro de 1845.

Com o fim da Revolução Farroupilha, a fronteira procura um crescimento a partir do comércio, tanto do lado brasileiro quanto do exterior que visualizavam uma perspectiva de crescimento pela própria situação fronteiriça, tradicionalmente incentivadora do comércio.

Em 23 de novembro de 1855, passando à categoria de cidade, foi denominada cidade de Jaguarão, com uma população de 6.000 habitantes entre portugueses, espanhóis e escravos. Neste mesmo período foram distribuídos lotes de terras ao longo da Lagoa Mirim e do Rio Jaguarão para, assim, ser garantido o limite entre o Brasil e Uruguai.

Ribeiro em sua citação abaixo descreve os hábitos e como eram as propriedades dos Jaguarenses no século XIX.

Os terrenos coloniais entrecortavam os quarteirões, alongando-se ao extremo. Os lotes que abrigavam edificações vinculavam-se às características das propriedades rurais – mantinham a criação de animais, hortas, pomares e o plantio de subsistência, como alternativa para enfrentar a falta de condições básicas da região distanciada dos grandes centros. [...] Até a metade do século XIX, não existiram obras de pavimentação ou drenagem nas vias do município, o que lhe conferia um caráter pitoresco. As águas dos telhados eram lançadas diretamente no solo, e as chuvas ocasionavam verdadeiro lamaçal, principalmente nos meses de inverno. As tropas que cruzavam a fronteira, por meio de transações legais e ilegais, andavam, muitas vezes, soltas nas ruas, causando transtornos à população (Ribeiro, 2011, p. 2 – 3)..

Ainda em 1855, a cidade foi marcada pela virulência do Cholera Morbus, vitimando centenas de pessoas, e ocasionando a fuga de outras centenas de pessoas, no desespero de buscar refúgios em outros lugares não alcançados pela epidemia. Por ocorrência dessa epidemia que levou muitas pessoas à morte, um campo santo foi construído em um espaço geográfico afastado do município, preservando os moradores de doenças contagiosas comuns da época (Soares, 2011).

Com o crescimento da pecuária e da produção do charque, o cenário da cidade se modifica, à medida que vai aumentando a renda da população, principalmente dos pecuaristas, protagonizando o desenvolvimento do município. A partir desse momento ocorre o período áureo da cidade, onde a arquitetura expõe adereços, que evidenciam a opulência dos senhores proprietários dos prédios erguidos.

Villas Boas em sua citação abaixo descreve as modificações sofridas pela cidade de Jaguarão, em decorrência do poder aquisitivo dos pecuaristas, aliado ao desenvolvimento cultural dos habitantes.

Ao final do século XIX, possuía um acúmulo de excedente de capitais que possibilitou o remodelamento do centro urbano com a construção de ruas e praças ao estilo eclético importado da Europa, notadamente de influência francesa. Os proprietários de terras ergueram suntuosos casarões que demonstrava seu poderio econômico e político e também a ideologia do positivismo, abraçada pela maioria da classe dominante da cidade que aliada ao republicanismo tentou dar uma feição europeia a uma cidade da fronteira com o Uruguai (Villas Boas e Costa, 2015, p. 1 – 2).

Mais tarde, em 1927, deu-se o ápice do desenvolvimento Jaguarense, com a construção da Ponte Internacional Barão de Mauá. A ponte foi construída para pagamento de uma dívida de guerra do Uruguai com o Brasil durante a crise política platina. Tendo a participação de Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, como intermediário e financiador do mencionado empréstimo (Matos, 2008), a obra recebeu o nome de Ponte Internacional Barão de Mauá. A obra da Ponte Internacional Mauá inaugurada em 1930, contou com a participação de mais de 6.215 operários de diversas nacionalidades, brasileiros, uruguaios, portugueses e alemães. Sua extensão é de 2.113m com uma linha férrea, que transportava produtos da pecuária, principal atividade econômica da região, e conectava a malha gaúcha até o Porto de Montevideu, no Uruguai.

Trata-se do primeiro bem transfronteiriço, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e reconhecido como Patrimônio Cultural pelos países do MERCOSUL, como mostra a figura 21 (Caderno Jaguarense, 2014).



Figura 21 - Construção da Ponte Internacional Barão de Mauá na cidade de Jaguarão RS

Fonte: Site Prefeitura Municipal de Jaguarão <<http://www.jaguarao.rs.gov.br>>

A fronteira, inicialmente, serve para distinguir, separar países, mas é verdadeira a conclusão que, na convivência diária, os “distintos” se unem e criam formas únicas de viver e conviver. A ponte pode significar, justamente, este elo, não somente espacial, mas também cultural entre brasileiros/gaúchos e uruguaios. Outro elo que é bastante comum em cidades fronteiriças é a mistura das línguas, e em Jaguarão existe um específico “portunhol” cujas características são singulares da cidade.

Com a construção da Ponte Internacional Barão de Mauá, estabeleceram-se na cidade, trabalhadores forasteiros formando famílias que definitivamente passaram a fazer parte da comunidade, contribuindo para o crescimento populacional e para a diversidade cultural.

4.3.A arquitetura em evidência

De acordo com o olhar da escritora Raquel de Queiroz (1952) que visitou o Município de Jaguarão na década de 50, foi revelada a originalidade de uma cidade histórica, com um acervo conservado nas construções que datam na maioria, da metade do século XIX e início do século XX.

Na atualidade a cidade apresenta mais de 800 prédios catalogados pela Prefeitura Municipal de Jaguarão, sendo alguns, tombados pelo IPHAN. Esses prédios possuem fachadas conservadas, e apresentam estilos arquitetônicos, em que se destacam portais com valores artísticos, conforme a figura 22. As portas talhadas em madeira no estilo português foram em sua maioria talhadas por um artesão local Jaguareense, chamado Miguel De Lellis. As edificações arquitetônicas em estilo eclético que datam de 1876 a 1920 diferenciam-se com frisos e marquises opoentes, com anjos e estátuas em destaque no alto das fachadas (Leoti, 2014).



Figura 22 - Fachada Casarão da Rua XV de Novembro em estilo eclético, com a porta em madeira talhada – Jaguarão-RS, 2016

Fonte: Autoria própria.

Na crônica “Viagem de Volta” da extinta Revista “O Cruzeiro”, em que a autora Raquel de Queiroz relata a preservação da memória da cidade, e expõe a riqueza dos detalhes sobre Jaguarão, pode-se identificar o contexto em que o município encontrava-se.

(...) Cidade antiga, calma e clara, muito parecida com as cidades do norte - os sobrados, as casas de biqueira, as moças namorando na janela de oitão. Até azulejo tem. (...) Jaguarão, tão brasileira, nascida ali principalmente para tomar conta daquele extremo do território, tão brasileiro; tão brasileira, que até seu nome só se pode dizer em português. (Queiroz, jun/1952)

Esse extremo do território nacional, que a escritora Raquel de Queiroz salienta nas linhas de sua crônica, passa até a atualidade por processos de restauro e manutenção do patrimônio. É possível, todavia, observar-se no núcleo urbano, que os estilos das novas construções foram se transformando com o passar dos anos, sem, contudo esquecer o traçado das praças e ruas aos moldes franceses, adotados no Brasil inteiro como sinônimo de progresso e civilização, conforme relata Soares (2011) em olhares sobre Jaguarão, na figura 23.



Figura 23 - Praça Alcides Marques, localizada no centro Histórico de Jaguarão – Traçado original das ruas no final do século XIX início do século XX. – Jaguarão – R.S - 2016

Fonte: Site Prefeitura Municipal de Jaguarão <<http://www.jaguarao.rs.gov.br>>

A partir de 1980, Jaguarão começa receber a devida atenção sobre o seu valor patrimonial, através de estudos e projetos, com a intenção de proteger e identificar o patrimônio cultural inserido no município. Com esse objetivo, foi criado em 1982 uma parceria para mapeamento dos prédios com importância arquitetônica e histórica da cidade, composta pela Prefeitura Municipal de Jaguarão, Faculdade de arquitetura de Pelotas (UFPEL) (Leoti, 2014).

No ano de 1982, os arquitetos Valdo Dutra Alves Nunes e Jorge Arismendi Garcia, tendo como objetivo conservar e manter as características das construções físicas da cidade, elaboram através de um mapeamento e identificação das potencialidades do patrimônio local edificados na zona urbana, propondo assim um movimento de recuperação da consciência de patrimonialização da comunidade, denominado Projeto Jaguar. Tal projeto propôs a reestruturação da cidade no uso de seus bens, a serem realizados nas diversas áreas que permeiam a patrimonialização dos mesmos. Evidencia, uma relação com a importância destes locais de memória e uma preocupação com a preservação da identidade local. A proposta do projeto destaca a importância do envolvimento da comunidade no processo, em relação à memória, à identidade e à valorização dos bens culturais.

A ideia do Projeto Jaguar visava em promover movimentos em conjunto com a comunidade, com o intuito da mesma, reconhecer seu patrimônio. Com uma retomada da capacidade de manifestação ativa da sociedade, na valorização de seu contexto histórico, através do desenvolvimento cultural, “satisfação” sócio - cultural - econômica ou pelo cumprimento da tarefa político – econômica pela reintegração social, acontece a valorização dos bens culturais da cidade de Jaguarão. A apropriação pela comunidade de seu patrimônio, cobre a sua preservação, e oportuniza a reutilização do mesmo patrimônio de acordo com outras necessidades culturais (Reinheimer e Neumann, 2014).

Partindo-se de pesquisas e apropriações de dados do Projeto Jaguar, em 1987 desenvolve-se o inventário do Patrimônio Arquitetônico de Jaguarão pelo IPHAN. Em 1992 o IPHAN elaborou o Dossiê de Tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão e organizou o Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão (PRIJ). O IPHAN afirma que o Dossiê da cidade de Jaguarão é um dos mais extensos e bem preservados conjuntos arquitetônicos do Brasil. O Tombamento deu-se nos anos de 2009 e 2010, pela portaria nº84, de 22 de junho de 2012 (Leoti, 2014).

Nesse contexto, Meira (2004) relata a valorização que o patrimônio arquitetônico passou a receber, alcançando através da mídia o mercado de investimentos por parte de incentivos institucionais e empresas patrocinadoras. O reconhecimento do patrimônio das cidades age como alavanca de desenvolvimento local.

Para o IPHAN justifica-se o tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão como uma necessidade de identificá-lo como um capítulo da História do Brasil, em que as passagens do tempo são contadas pela fachada dos prédios reconhecidos como patrimônio nacional.

No ano de 2009, o município é assistido pelo Programa de Aceleração do Crescimento - PAC Cidades Históricas, recebendo investimentos do programa interministerial e federativo, criado para articular ações de preservação do patrimônio cultural.

Em 2013, o município recebeu o valor de R\$ 40,3 milhões de reais para a execução de onze projetos de restauro na cidade de Jaguarão: Finalização da restauração da Antiga Enfermaria Militar – Centro de Interpretação do Pampa – UNIPAMPA; Finalização da restauração do Teatro Esperança; Restauros: Igreja Matriz do Divino Espírito Santo; Mercado Público; Antigo Fórum – Casa de Cultura; Antiga Inspetoria Veterinária; Casarão da Prefeitura Municipal; Casarão do Clube Jaguareense; Casarão do Clube 24 de Agosto; Cine Regente e requalificação da Praça Dr. Alcides Marques e Largo das Bandeiras (Leoti, 2014).

Com a valorização do patrimônio Jaguareense, Funari e Pelegrini (2006) destacam que os bens a serem tombados numa cidade devem apresentar um marco identitário, reconhecido pela própria comunidade na qual está inserido. Além de serem norteadas pela delimitação democrática dos bens reconhecidos como merecedores de preservação, as políticas patrimoniais e sua implementação devem obedecer às necessidades e desejos da comunidade.

Reinheimer e Neumann (2014) ressaltam ainda a importância dos registros, visando à valorização da história e a acessibilidade para as gerações que virão. O desenvolvimento político e econômico da época apresenta uma gama de subsídios de diferentes áreas, relacionando a história política, econômica com a arquitetura e principalmente a cultura nas suas diversas formas.

Cabe à nossa geração atual proporcionar o conhecimento das histórias das comunidades para as futuras gerações, pois, o acervo (objetos, documentos, informações verbais, jornais e imagens) não apenas representa o nosso passado no presente, como também confere a responsabilidade de conservá-lo para o futuro (Reinheimer e Neumann, 2014).

Reinheimer e Neumann (2014) abordam a educação patrimonial deixando claro que, para a criação de um espaço positivo, em relação aos referenciais culturais da comunidade, é imprescindível a construção de uma política pública voltada para os diferenciais culturais do município, visando à ampliação cultural no contexto geral do patrimônio.

Partindo-se do entendimento do que é Patrimônio Cultural, da sua importância e de seu valor para a humanidade, em que o IPHAN aborda a preservação e conservação das riquezas de Jaguarão, no seu tombamento, compreende-se a necessidade da valorização da riqueza do patrimônio e que é possível através de roteiros turísticos, promovem o desenvolvimento local e cultural do município.

5. CEMITÉRIO DAS IRMANDADES

5.1. Um recorte geográfico – Cemitério das Irmandades

Pensando em um campo santo que abrigasse a população de Jaguarão, as Irmandades do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição organizaram a planta baixa do cemitério, que se encontra no alto da colina a oeste da cidade, ocupando uma área de 13.512m². Área esta que atualmente é denominada de Rua Paulo Ferreira, entre as ruas Arnaldo Valdomiro Ferreira e Me. Liuba.

O Cemitério das Irmandades, em sua planta baixa original está dividido em duas alas - na ala direita os túmulos pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e na ala esquerda ficou destinado aos mortos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, conforme a apresentação da figura 24.



Figura 24 - Localização do Cemitério das Irmandades – Jaguarão-R.S - 2016

Fonte: Google Maps, 2016.

Ao fundo do corredor que divide as duas alas, foi construída uma pequena igreja destinada às famílias dos mortos e às práticas religiosas solicitadas pela população, com uma identidade explícita na fachada, com referências maçônicas e católicas em sua simbologia. (Soares, 2011)

Os muros laterais, esquerdo e direito, revelam essa intenção, pois neles estão gravadas as inscrições das Irmandades em que se destacam: “Sacramento”, por um lado, e “Conceição”, por outro. Acima dessas inscrições está lapidado um globo com uma cruz sobreposta, simbolizando a Igreja Católica.

A paisagem Cemiterial e os recortes do Cemitério das Irmandades apresentam-se de várias estruturas físicas, as horizontais como características - o parque, e outras na linha vertical - como os jazigos, capelas, túmulos monumentais, túmulos simples, ossários, mausoléus. Neles estão contidos elementos de uma simbologia que nos remetem ao tempo de sua construção, onde podemos fazer uma leitura do significado daquele morto para a comunidade.

O espaço Cemiterial apresenta-se como um lugar de muitos significados para a comunidade, e a necessidade de manter esses espaços se dá em função de manter viva a memória daqueles que estão enterrados no Cemitério das Irmandades.

Pode-se entender que o território cemiterial vem transformando a região-paisagem, evidenciando que a mesma continue dinâmica através do homem, do tempo e do espaço, e que transformações nos recortes espaciais também modificam o cenário por efeito do clima. (Corrêa, 1997).

5.2. Sua origem através da dor

Este estudo, dentro de um contexto principal, apresenta-se sobre a Paisagem cemiterial, em um olhar cultural que nos transmite uma percepção da história, simbologia, tradições e religião.

Através dos fatos que ocasionaram sua formação, o Cemitério das Irmandades vem revelando-se com fatores de cunho histórico que em seu interior ressaltam momentos vividos pelos Jaguarenses, que precisam ser preservados e transmitidos através dos tempos.

Em 1855 na cidade de Jaguarão, segundo Soares (2011), inicia-se a história da fundação do Cemitério das Irmandades, quando na época um grande número de pessoas vitimadas pelo vírus *Cholera Morbus* veio a falecer. Neste mesmo ano, no dia 21 de novembro, foi oficialmente declarada a epidemia, após a morte de 86 pessoas devido ao vírus.

Caderno Jaguarense (2014) através de pesquisa relata que Médico o Doutor Ubatuba, seguiu viagem para Jaguarão no dia 11 de outubro de 1855, a bordo do vapor Especulação, pois a quantidade de vítimas feitas pela cólera, e o relatório do presidente da província, apontavam a vila de Jaguarão em quarto lugar no número de vítimas. Esse número que era de 86 pessoas, no final da epidemia chegou a 329 mortos.

Soares (2011) relata que o Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, cumprindo as funções de higiene pública da província desembarcou em Jaguarão no dia 13 de outubro de 1855. Para realizar seu trabalho de higiene ao combate ao *Cholera Morbus*, ordenou uma série de medidas de precaução, sanitárias e profiláticas. Além disso, o médico mandou abrir uma cacimba que se tornou a famosa “cacimba do Ubatuba” a fim de depositar os mortos, vítimas da doença.

De acordo com as bibliografias pesquisadas, essa cacimba teria a finalidade de receber os negros mortos pelo vírus, já que os brancos eram sepultados no cemitério do quarteirão das ruas Marechal Deodoro, Barbosa Neto, Rua dos Andradas e Coronel de Deus Dias, apresentada na figura 25. (Caderno Jaguarense, 2014)

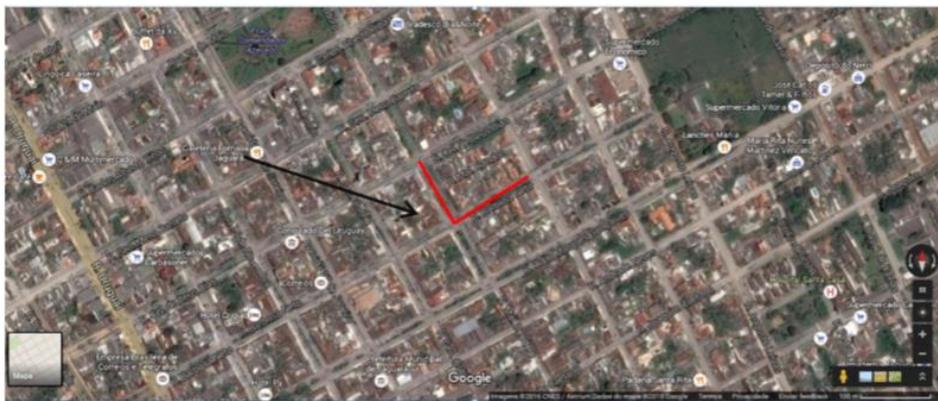


Figura 25 - Localização do antigo Cemitério da cidade de Jaguarão – R.S entre as ruas Marechal Rondon e Marechal Deodoro

Fonte: Google Maps, 2016.

Em virtude do acontecimento dessa epidemia, inúmeras medidas foram tomadas pela população, entre elas a construção de um novo cemitério, em um terreno mais afastado do centro.

Esse terreno, então doado por José Alberto Portela, a pedido da Igreja, foi destinado ao novo espaço para os mortos, sob a organização de duas irmandades: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Em 1856, o Pe. João Themudo, que exercia uma grande influência na comunidade, por ser reverendo, maçom, e por fazer parte da primeira Câmara de Vereadores do município, definiu o lugar onde seria construído o cemitério.



Figura 26 - Rosário e paramento maçônico do Padre João Themudo Cabral Diniz

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, foto – Carlos Caetano.

Dentro desse contexto, em meados do século XIX, devido à racionalização e à higienização das cidades, os cemitérios que eram localizados na zona urbana ou até mesmo dentro das Igrejas, começam a ser transferidos para lugares mais afastados, deixando de pertencer ao domínio eclesiástico. Inicia-se no Brasil a secularização - separação entre o Estado e a Igreja (Cerqueira e Bastianello, 2012).

Borges (2004) aponta que devido à recomendação citada abaixo, a sociedade adquire uma nova postura no comportamento diante da morte, com a busca constante de deixar viva a memória do morto.

[...] “em 1789, D. Maria I de Portugal enviou uma recomendação ao bispo da cidade do Rio de Janeiro, Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, para que os cemitérios brasileiros fossem construídos separados das igrejas, tal como se fazia na Europa (...) mas a obrigatoriedade de se construir cemitérios a céu aberto, só ocorreu com a lei de 1º de outubro de 1828 (artigo 66, parágrafo 2º promulgada por D. Pedro I)”.

O campo Santo demorou mais de dois anos para ser inaugurado. Nesse meio tempo, os mortos vitimados pela doença, que não eram negros, e que tinham direito a usar o novo terreno para sepultamento no novo cemitério, através da compra do espaço, estavam sendo levados para o novo local, ainda em construção, já que o antigo cemitério estava com toda área preenchida. (Soares, 2011)

Logo, em 1858, deu-se a inauguração do Cemitério das Irmandades, conforme figura 26, através da Igreja Católica e suas irmandades religiosas existentes na cidade de Jaguarão, que se encarregaram da construção e manutenção do campo santo, sem, contudo deixar faltar um espaço para os mortos acatólicos (mortos que não tinham nenhuma religião).

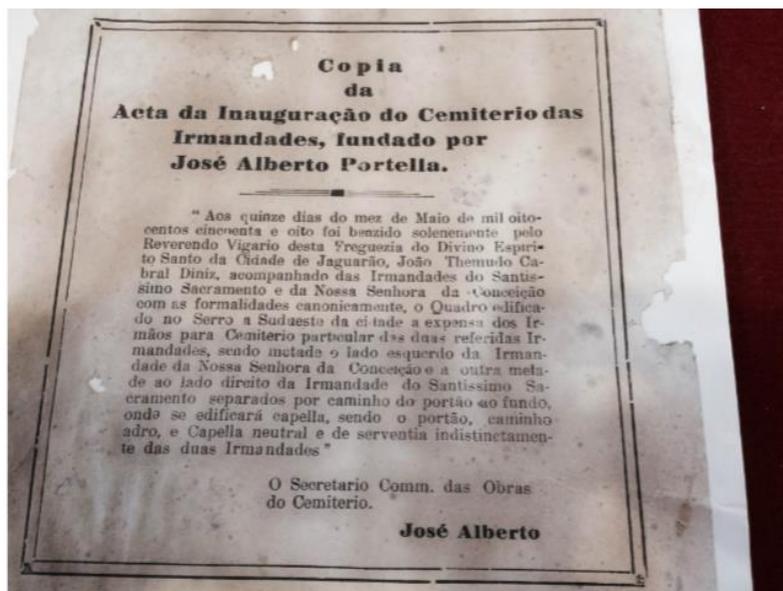


Figura 27 - Ata de inauguração do Cemitério das Irmandades – Jaguarão/RS - 2016

Fonte: Instituto Histórico de Jaguarão - Foto: acervo pessoal.

Passados sete dias da inauguração oficial do cemitério, o Pe. João Themudo veio a falecer, sendo sepultado na ala direita da entrada, referente à Irmandade Nossa Senhora da Conceição. Tal mausoléu está edificado no primeiro espaço da ala referida, enterrado a sete palmos do chão, conforme o Padre Themudo deixou escrito em suas anotações.

Em consequência de tantos corpos sem local para serem enterrados, vítimas do *Cholera Morbus*, as Irmandades tomaram a iniciativa, no dia 13 de Novembro do ano de 1855, em uma terça-feira, de trasladar os restos humanos do antigo cemitério, localizado no perímetro urbano da então cidade de Jaguarão, para o novo campo santo.

O cortejo foi visto como um evento na cidade, a comunidade preparou os cavalos, as carroças para acompanhar junto com a Guarda Nacional e as Irmandades os restos mortais. O desfile durou cerca de quase duas horas e o grupo de pessoas

acompanhando o féretro partiu da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo subindo o Cerro das Irmandades (Soares, 2011).

Desde então, o campo santo vem sendo ocupado por pessoas de várias classes sociais em espaços diferenciados com estilos distintos, referentes à época em evidência com alterações de sua planta baixa original.

Conforme documentos encontrados no Instituto Histórico de Jaguarão, através da pesquisa *in loco*, atualmente o Cemitério das Irmandades não está sob a administração das Irmandades nem da Igreja Católica, e sim sendo administrada por uma associação, composta por uma diretoria formada por membros voluntários da sociedade, que gerencia as despesas com funcionários e manutenção do campo santo, através da venda dos sepulcros e taxas referentes a enterramentos e processos fúnebres.

5.3. Pe. João Themudo e o papel das Irmandades no contexto histórico do Cemitério

Sua vinda para a cidade de Jaguarão foi datada em 22 de maio de 1833. Com sua chegada, iniciavam-se as ideias republicanas renovadoras, que logo foram aceitas pela maioria dos Jaguarenses. Conforme relata Soares (2011) o sacerdote era ativo e dinâmico como participante do progresso da vila que, em pouco tempo seria elevada a categoria de cidade, colaborou com as ideias revolucionárias do General Bento Gonçalves nas tomadas de decisões sobre a Revolução Farroupilha. Embora a monarquia fosse católica e enviasse os sacerdotes para as freguesias para proteger suas finanças, o Padre João Themudo Cabral Diniz exerceu forte influência nos ideais liberais, indo de encontro com as políticas financeiras que o governo estabelecia. (Caderno Jaguarense, 2013)

De acordo com Soares (2011), o Padre Themudo idealizou o início das obras da Igreja da Matriz do Divino Espírito Santo, de acordo com a figura 28. Embora fosse seu grande desejo ver a obra acabada, este não se realizou vindo o padre a falecer antes da obra concluída.



Figura 28 - Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, localizada ao entorno da Praça Dr. Alcides Marques e em frente ao Largo das Bandeiras – Jaguarão - 2016

Fonte: Autoria própria.

O Padre foi o primeiro grande incentivador e batalhador para que Jaguarão se orgulhasse do edifício da sua Igreja Matriz e, com certeza, é verdadeira a admiração da população em reconhecer, ainda nos dias de hoje, sua magnitude (Soares, 2011).

Sua prova maior foi o tempo e disposição para angariar fundos para a construção do templo, ora junto à população, ora junto ao Império. As festas eram constantes na comunidade: Festa do Divino, Festa de São João, Festa de Corpus Christi, Festa da Imaculada Conceição. Há de se notar, sem dúvidas, que o Padre João Themudo contava e, muito, com o auxílio das Irmandades do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição.

“As procissões com a ostensiva presença de autoridades dos três poderes davam ares de defesa cívica ao cortejo e pública demonstração de que os interesses entre a igreja e o estado eram complementares, quando não se confundiam o que era comum ocorrer”. (Soares, 2011)

As já mencionadas Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição participavam ativamente organizando as festas religiosas. De acordo com Lemos (2009), pode-se relatar que as irmandades realizavam suas funções a partir de negociações com os representantes da ordem social: a igreja e o governo. Após solicitar a aprovação de sua legalização, as irmandades funcionavam de acordo com o seu compromisso documentado, suas normas e regras de funcionamento e também da conduta social de seus associados. Assim, a aprovação da legalização das irmandades passava pelo crivo da igreja católica, presidente da província e a monarquia.

Lemos (2009) salienta que as irmandades tiveram notável importância na ampliação da religião católica, pois no processo para a formação das mesmas, a devoção a um santo ou santa fazia parte dos requisitos. Assim, os leigos devotos a um santo, se comprometiam a prestar serviços, como a realização de festas católicas, promoção de cerimônias de enterramento e auxílio aos irmãos necessitados (doentes, presos e cativos). As obrigações e direitos dos irmãos e irmãs eram fixados nos acordos em que assumiam com as normas da administração. As irmandades, entre os séculos XVII e XIX no Brasil, além de promoverem procissões e festas para angariar fundos, foram responsáveis por questões políticas que envolviam o governo e a igreja.

[...] a base do funcionamento das irmandades era o compromisso que elas assumiam perante as autoridades, de acordo com seus deveres e obrigações que seriam realizados juntamente com certo número de católicos devotos ao santo escolhido como padroeiro. (Mattoso, 1992, p.397)

De acordo com Tomaschewski (2014), as obrigações a serem cumpridas pelos irmãos eram 14, todas elas inspiradas no Evangelho de Mateus, versículo 25, parágrafos 34-40, e aparecem nos estudos sobre as Irmandades, com grande importância representando um vasto programa de ajuda e coerção de misericórdia.

Espirituais: 1ª – Ensinar os simples; 2ª – Dar bom conselho a quem o pede; 3ª – Castigar com caridade os que erram; 4ª – Consolar os tristes desconsolados; 5ª – Perdoar a quem nos errou; 6ª – Sofrer as injúrias com paciência; 7ª – Rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

Corporais: 1ª – Remir os cativos e visitar os presos; 2ª – Curar os enfermos; 3ª – Cobrir os nus; 4ª – Dar de comer aos famintos; 5ª – Dar de beber a quem tem sede; 6ª – Dar pousada aos peregrinos e pobres; 7ª – enterrar os mortos.

De acordo com Rascke (2014), as irmandades existem desde a Idade Média, entre os séculos XII e XV na Europa. Esse modelo de confrarias, que passaram a existir também no Brasil, funcionavam com a participação de membros católicos, com direitos e obrigações determinadas em sua organização composta de uma mesa administrativa ocupada pelos confrades de acordo com a sua dedicação e aquisição de direitos. As irmandades mantinham-se através das organizações e administrações dos próprios irmãos leigos.

Rascke (2014) atenta especialmente para as homenagens aos santos padroeiros de cada irmandade, ressaltando as festividades e procissões realizadas com alegorias carregadas, bandas, sinos e foguetórios. Como as procissões realizavam-se com o intuito de festa, a igreja não satisfeita com essas manifestações culturais que acompanhavam os cortejos, resolve intervir com a intenção de reduzir a autonomia leiga e alterar as práticas consideradas profanas, com receio do desvirtuamento do catolicismo.

Segundo Tavares (2002), as irmandades concentravam homens, mulheres e crianças que participavam ativamente dos cultos católicos, enaltecendo a fé, a esperança e a caridade, cultuando santos e promovendo o relacionamento social das pessoas. Dentro desse contexto existiram várias irmandades, onde os grupos aproximavam-se por semelhanças entre si, por ofício, por cor de pele ou por admiração ao santo. Além das

Irmandades do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição, no Brasil existiam também outras irmandades, como as Irmandades da Nossa Senhora do Rosário, São Miguel e Almas, Senhor dos Passos, São Batista.

Também para Nascimento (2006), a relação da morte com as irmandades religiosas vai além do grau de prestígio social e participação no meio econômico, político ou étnico, pois a preocupação com a última morada era fundamental para a certeza dos cuidados dos irmãos com seu fim. Dentre os deveres dos irmãos, a intercessão pelos mortos atende a uma insegurança sentida pelos indivíduos, devido a sua incapacidade de ação perante a morte, que o faz entregar seu destino a pessoas que garantam seu ritual fúnebre. Haja vista a presença incontestável da morte, torna-se compreensível o desempenho dos confrades nos costumes fúnebres, sob o controle da igreja católica.

Como prática de salvação da alma do morto, Rodrigues (2002) descreve que as orações dos confrades leigos, e os procedimentos que a igreja instituiu como as missas de terceiro, sétimo e trigésimo dia após seu falecimento, ajudavam na libertação da alma para o paraíso, diminuindo o seu tempo no purgatório. Fazia parte também da preparação para a morte, a doação de esmolas por parte dos leigos em troca das orações dos monges a favor deles. Dentro desse contexto, Ellias (2001) descreve que o temor pela morte fazia o homem inclusive pagar para o momento da morte e pós-morte.

Percebe-se no relato de Vauchez (1995), que o dia dois de novembro é o dia oficial ao culto dos mortos desde o século XII, quando inclusive as irmandades começam a participar das atividades fúnebres enterrando os mortos e rezando pelos mesmos. Os confrades cumpriam a missão de interceder entre os homens e Deus e entre a igreja e os discípulos.

De acordo com Le Goff (1995), ainda no século XIII, os católicos acreditavam em um lugar de punição após a morte, o purgatório, dependente da conduta deles na terra. As preces organizadas e ministradas pelos padres, auxiliados pelas irmandades, favoreciam os mortos no além, porém, os indivíduos em vida, também poderiam assegurar direitos espirituais, oferecendo esmolas e doações aos pobres. Por outro lado, os mortos que já tivessem alcançado o paraíso, auxiliariam os confrades vivos, com orações por aqueles que supostamente teriam rezado por eles quando estavam no purgatório.

Rodrigues (2002) cita que a prática do testamento tornou-se frequente a partir século XIII, por intermédio da igreja, que preparava os fiéis para a morte, onde os mesmos pediam pelos sufrágios em troca de testamentar os seus bens materiais, em que deixavam escritas determinações para que fossem cumpridas como missas para os parentes próximos, esmolas aos presos das cadeias e aos pobres. Como forma de angariar mais bens para a igreja, esta censurava quem não fazia seu testamento antes de morrer.

O testamento redigido pelos indivíduos junto a um padre significava um meio de passagem para o Além com a certeza de terem sido feitas limpezas espiritual e material. A igreja, ao mesmo tempo em que tranquilizava os fiéis, incitava o medo recomendando sempre as limpezas físicas e morais. Dessa maneira o mesmo Deus poderia ser bom e ao mesmo tempo rigoroso para com o cristão.

Percebe-se que, ao passar quinhentos anos, no século XVIII, as pessoas adquirem novas maneiras de encarar a morte; as mudanças sociais que ocorreram através dos pensamentos evoluídos, modificaram a forma de agir das pessoas, pois a confiança estabelecida pelos cristãos perante a igreja torna-se enfraquecida. Desse modo nota-se uma diminuição dos pedidos de missa nos testamentos, pedidos estes que já eram comercializados antes de morrer. Como marco de uma época esses pensamentos são identificados como Iluminismo (Nascimento, 2006).

Entretanto, no século XIX as irmandades continuaram exercendo o papel entre os fiéis cristãos e a igreja na condução dos cuidados com os pobres, mendigos e presos e também com autonomia na promoção de festas católicas. Outra obrigação das irmandades continuaram sendo os cuidados com os sepultamentos. Na atualidade as irmandades da cidade de Jaguarão RS estão extintas, restando somente o nome no campo santo.

6. FORMATAÇÃO DO PRODUTO TURÍSTICO: ENTRE A MEMÓRIA E O LUGAR DOS MORTOS NO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES

Percebe-se que o turismo promove mudanças no modo de vida das pessoas. Os eixos temáticos explorados nas atividades servem com agentes disseminadores da cultura e da atividade socioeconômica, em que bem gerida promove a produção de bens e serviços para o homem.

Quando se fala em Turismo Cemiterial ou Turismo de Necrópole como atividade turística, pode-se no primeiro momento parecer inovador, mas conforme já estudado, sua prática, é exercida desde o período medieval com as danças, jogos, trocas e atos jurídicos que eram realizados nos campos santos. Panosso Netto (2013), o turismo “pode ser uma prática que carrega consigo um grupo de representações sociais”; essa abordagem se expressa claramente no recorte geográfico cemiterial.

A trajetória do homem ao longo da história da humanidade é marcada por mitos e ritos fúnebres, e quando se ultrapassa essas superstições que envolvem a morte e os cemitérios, é possível percebê-los como um espaço educativo, em que a memória, identidade, religiosidade, arte e cultura, apresentam-se como um museu a céu aberto, na qual as representações e significações sociais do ser humano também estão contidas nas necrópoles. Desta forma a exploração da atividade turística nos campos santos propicia o estudo da fé, da arte tumular, da historicidade do lugar, da arquitetura cemiterial e de personagens ali sepultadas.

Nesse contexto, a exploração do Cemitério das Irmandades, na cidade de Jaguarão (RS), apresenta-se como turismo de necrópole, exercendo uma atividade socioeconômica, com a ideia de promover no cemitério, o conhecimento através das fontes históricas, para a preservação da memória individual e coletiva, relíquias arquitetônicas, patrimônios históricos e culturais, através de visitas guiadas. Queiroz (2008) ressalta a importância do espaço físico em que o cemitério localiza-se para a prática do roteiro. Figueiredo (2010) aponta que o turismo cemiterial é uma estratégia para angariar fundo para a manutenção dos campos santos e contornar as situações de abandono.

Como ponto de partida para formatação do produto turístico, entende-se a necessidade do planejamento turístico que; segundo Beni (2006), todo o projeto de

desenvolvimento local/regional, desencadeia um processo de reconstrução / reapropriação de um território entendido como espaço apropriado.

Para melhor entendimento do processo estudado, estabelece-se uma cronologia de fatos, com o intuito de formatar o produto turístico na relação do mesmo com o desenvolvimento sustentável. Para um melhor entendimento do processo, a metodologia a ser empregada para a elaboração do roteiro falado, se baseará nos elementos de Bahl (2004), guias, dias e horários, duração, testagem, divulgação, avaliação, tornando os passos de formatação, claros para compreensão.

6.1.Roteiro Turístico do Cemitério das Irmandades

Roteiro Turístico

- Atrativo Turístico: Cemitério das Irmandades
- Objetivos: Propor uma análise da identidade e memória do acervo tumular contido no cemitério das Irmandades, bem como a sua valorização como espaço interdisciplinar, contando a historicidade da lugar e seus mortos ilustres, através da arte e a simbologia ali apresentadas.
- Roteiro percorrido:
- Saída: Centro Histórico
- Destino: Cemitério das Irmandades
- Tempo de chegada: 20 minutos
- Horários disponíveis para visita: das 9h às 11h / 14h às 17
- Dias estabelecidos: todos
- Tempo de duração da visita: 1h e 30min
- Valor do roteiro turístico: R\$

Após a estrutura do roteiro organizada, o segundo passo é a divulgação do material, inclusive nas redes sociais que, segundo Bahl (2004), promove o produto, e conseqüentemente a busca pelo sucesso. A distribuição do produto será feita através das agências receptivas e guias de turismo.

- Mapa estratégico do roteiro: A visita guiada inicia-se no traslado do centro histórico até o cemitério: durante o percurso, a guia explana a historicidade do cemitério das irmandades. Ao chegar ao local, cada participante receberá um mapa ilustrativo. Esse mapa contém a planta baixa do recorte geográfico com as ilustrações do lugar, e a indicação dos mortos ilustres. Para embasar a visita faz-se necessário um folder com a interpretação dos elementos fúnebres entrelaçando a memória e a identidade do campo santo. Durante todo percurso os símbolos fúnebres devem ser interpretados e mencionados, e quando o morto for ilustre comentar sobre sua passagem na terra.

Nessa perspectiva, Corrêa (1997) comenta sobre os recortes geográficos que os geógrafos associam genericamente à noção de diferenciação de áreas e também de paisagem, espaço, lugar e território, conforme mostra figura 28. Assim sendo, dentro

deste estudo, o contexto principal dar-se-á sobre a Paisagem Cemiterial sob um olhar cultural que deverá transmitir uma percepção de história, simbologia, tradição e religião.

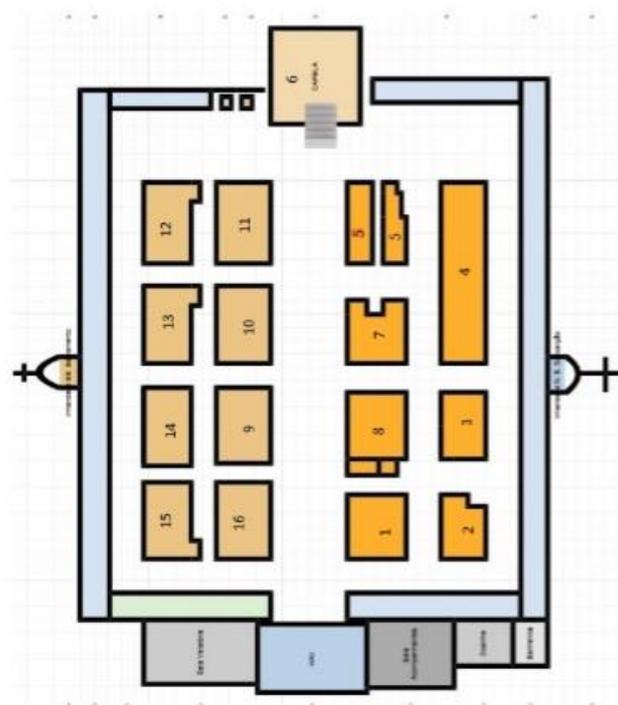


Figura 29 - Recortes geográficos – planta baixa do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/ R.S, com a sequência da visita numerada

Fonte: Autoria própria.

A visitação ao espaço mortuário, figuras 30, 31 e 32 tem como ponto inicial sua entrada principal. Sua estrutura é composta por uma passarela de gradis antigos nas laterais, coberta por uma vegetação que transmite a sensação de proteção, no final do trajeto da passarela, podem-se admirar dois anjos guardiões. A seguir, existe uma calçada original de ladrilhos hidráulicos que dá acesso à construção em estilo neoclássico que abriga um hall de entrada com a sala velatória à esquerda, uma sala de acompanhantes à direita e no centro o portão que se abre para o espaço tumular e ao fundo a igreja.



Figura 30 - Espaço mortuário – entrada do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: A autoria própria.



Figura 31 - Espaço mortuário do Cemitério das Irmandades/ RS– passarela em que se destaca a vegetação e os gradis

Fonte: A autoria própria.



Figura 32 - Espaço mortuário do Cemitério das Irmandades/RS – estatua de um anjo criança resguardando o lugar de memória

Fonte: Autoria própria.

Segundo Bellomo (2008), este santa que se encontra na saída ou na entrada do cemitério expressa à simbologia do sentimento de desolação ou alegria.

Ao posicionar-se na entrada após o portão principal é possível visualizar ao fundo uma capela, e na parte da frente no lado direito de quem entra, lado este que dará início à visitação, está localizado no quadrante A, o túmulo do Padre João Themudo Cabral Diniz, um dos fundadores do Cemitério das Irmandades. Em seu túmulo de formato vertical estão dois epitáfios, um antigo e outro mais atual. Também se observa ali, uma homenagem da Loja Maçônica Luz Transatlântica, no alto do túmulo um cálice simboliza os Sete sacramentos cristãos, segundo a figura 33.



Figura 33 - Entrada do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/ RS – no corredor principal destacam-se a riqueza de objetos como mármore de Carrara, azulejos Portugêses, materiais nobres como ornamentos fúnebres em bronze e estatuas opoentes em gesso, granito e mármo

Fonte: Aatoria própria.



Figura 34 - Túmulo do Padre João Themudo – I

Fonte: Aatoria própria.



Figura 35 - Túmulo do Padre João Themudo – II – vigário responsável pela fundação do Cemitério das Irmandades- Jaguarão/ RS

Fonte: Autoria própria.

Em frente ao túmulo do Padre João Themudo, figuras 34 e 35, pode-se observar uma parede com 82 nichos na parte superior que serviam para guardar cinzas e ossos, e na parte inferior do muro espaços para guardar caixões infantis, figura 35. Destacam-se nesse ambiente várias fotos e objetos que lembram crianças. Ainda hoje possui o mesmo propósito.



Figura 36 - Gaveta horizontal que abriga um caixão infantil com tampo de mármore Carrara e como símbolo identitária a foto da criança – Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.



Figura 37 - Gaveta infantil na horizontal, atual, datada de 2013 – Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

De acordo com as fontes consultadas, como Rezende (2007) e Bellomo (2008), ao prosseguir a visitação pelas ruas 1,2,3,4,5,6,7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 pode-se observar a relíquia dos artefatos tumulares, em que evidenciam várias épocas, mas todas com a preocupação de deixar registro na memória dos que ficam.

O Mausoléu familiar é todo edificado em mármore de carrara com dois anjos na entrada protegendo o espaço mortuário, simbolizando os sentimentos de desolação e alegria, edificação com características de templo grego, colunas jônicas, na grade da porta é possível identificar uma cruz que simboliza sorte e esperança na figura 38 (Bellomo, 2008).



Figura 38 - Mausoléu familiar – I Cemitério das irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Na figura 39 o retrato abaixo se observa o mausoléu familiar com características de templo grego, construído para receber familiares nas laterais. No alto uma estátua com asas e um vaso na mão. Nos cantos do mausoléu se nota dois vasos. Bellomo (2008) explica que o vaso com tochas não simboliza a vida.



Figura 39 - Mausoléu familiar – II – Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

De acordo com a figura 40, pode-se ver o túmulo datado da construção do cemitério, seu formato é de um obelisco egípcio.



Figura 40 - Túmulo formato de obelisco egípcio com características da fundação do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

O Cemitério das Irmandades é todo murado e em seus muros observam-se túmulos de várias épocas com vários tipos de ornamentos. Os artefatos tumulares apresentam-se como: azulejos preto e branco, granitos de várias cores, conforme figura 41.



Figura 41 - Muros do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS – lateral da direita de quem entra no cemitério, destinada a Irmandade Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Autoria própria.

Nesta representação do material fúnebre interpreta-se o XP como Cristo em Grego. As fotos representam o tempo histórico – (Figura 42).



Figura 42 - Fotos que representam o tempo histórico no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS – notasse que a lápide vem sendo conservada pelos familiares

Fonte: Autoria própria.

Como representação, a âncora significa o catolicismo em código, segundo Bellomo (2008) era muito utilizada como registro, conforme figura 43.



Figura 43 - Representação da âncora na lápide do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/ RS

Fonte: Autoria própria.

Na imagem abaixo (figura 44), pode-se identificar a gaveta do marceneiro Jaguareense do século XIX, responsável pela confecção das portas da XV de Novembro, famosa rua das portas.



Figura 44 - Gaveta do marceneiro Jaguareense do século XIX confeccionada em mármore Carrara está localizada à direita da capela com sinais maçônicos no fundo do Cemitério das Irmandades/

Fonte: Autoria própria

Abaixo, nas figuras 45 e 46 identificam-se dois estilos. Um dos mais opulentos com revestimento em mármore de Carrara, objetos em bronze e na parte de baixo, objetos mais simples e pedras mais simples.



Figura 45 - Revestimento mármore Carrara – I túmulo familiar com 16 gavetas para o enterramento dos pertencentes à família encontra-se na entrada pela rua principal do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: A autoria própria.

Nesta imagem (figura 41), a Nossa Senhora com a cruz representa o desejo que a alma seja bem recebida, em estilo gótico com colunas gregas, com projeção de coração, no alto dois anjos, com asas representa a ressurreição e o anjo sem asa lamento.



Figura 46 - Mausoléu com torre em estilo gótico, sendo protegida por Nossa Senhora e dois anjos no alto da nave localizada na ala da Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: A autoria própria.

Percebe-se durante o tempo todo, na visitação, o contraditório entre o preservado e o abandonado; existem túmulos e mausoléus de famílias que não moram mais em Jaguarão, ou que não possuem descendentes, ou por que as famílias não sabem que as construções existem. Isso porque não há materiais ou documentos da época da construção do Cemitério das Irmandades, mas mesmo assim possui valor histórico, conforme a visualização da figura 47.



Figura 47 - Túmulos abandonados no Cemitério das Irmandades de Jaguarão

Fonte: Aatoria própria.

Na figura 48, o túmulo é de mármore de Carrara e está todo trabalhado. O coração perfurado representa a caridade, as rosas mostram a discrição do início do cristianismo, a âncora representa o catolicismo e a guirlanda belezas e virtudes do falecido.



Figura 48 - Revestimento mármore Carrara– II com vários elementos ornamentando a lápide da morte no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Aatoria própria.

Conforme mostra a imagem abaixo (figura 49), a cruz em evidência revela a presença do cristianismo no campo santo (Bellomo, 2008).



Figura 49 - Cruz representando a presença do Cristianismo no mausoléu familiar no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

De acordo com a figura 50, a Nossa Senhora de joelhos situada na última pedra no mausoléu, significa a religiosidade e a devoção, atrás da imagem aparecem discípulos seguindo-a, este espaço mortuário foi construído para abrigar 16 caixões, pertence a uma família tradicional da cidade.



Figura 50 - Espaço mortuário pertencente a uma família tradicional da Cidade de Jaguarão no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Este túmulo apresentado na figura 51, pertence à família do Coronel Augusto Cesar Leivas, um jovem comerciante, rico, pai de uma filha Augusto Leivas foi o

fundador da Associação Comercial de Jaguarão em 1888, e em 1854 com 54 anos, realiza seu grande sonho de fundar uma Associação Protetora dos Desvalidos, que atendia velhos e órfãos.



Figura 51 - Túmulo do Coronel Augusto César Leivas situado na ala da Irmandade do Santíssimo Sacramento

Fonte: Autoria própria.

Ao fundo, figura 52, a igreja do Cemitério das Irmandades, construída junto com a edificação do campo santo, suas características maçônicas, sua fachada com as formas geométricas e colunas Gregas.



Figura 52 - Igreja Católica do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Vista do Cemitério das Irmandades, (figura 53). Esta imagem representa o esplendor do lugar de memória, em que a solidão demonstra a dedicação dos vivos pelos mortos no século XIX e XX, ao visualizar o contexto pode-se interpretar vários elementos que em conjunto formam uma memória coletiva.



Figura 53 - Vista do Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Mausoléu do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, neto do irmão de Bento Gonçalves, presidente da província no ano de 1908, em 1909 participou do tratado firmado com o

Uruguai, retificando nossas fronteiras e acertando o condomínio das águas do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim com o Uruguai e mausoléu com Forma robusta se destaca na área interna do cemitério, coluna composta, toda em granito, vários elementos fúnebres destacam-se nesse espaço entre eles o XP significa Cristo em Grego, conforme figura 54.

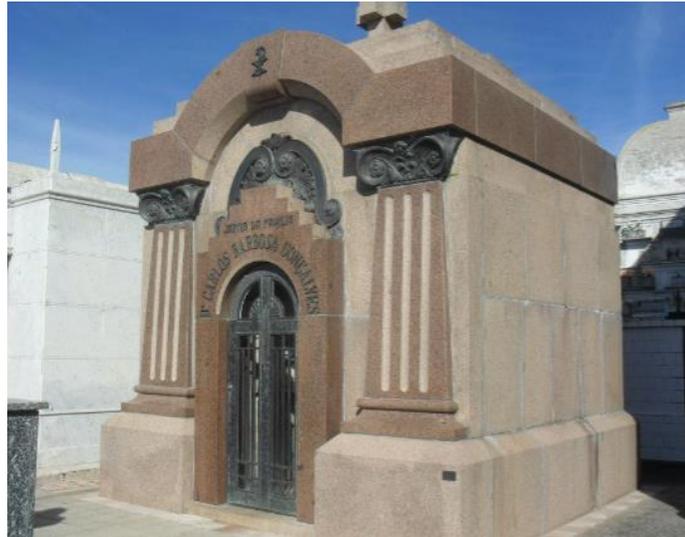


Figura 54 - Mausoléu do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves situado ao lado da Igreja, no fundo do cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Edificação tumular com os vasos vazios em evidência, simbolizando o corpo sem alma nas grades da porta identificam-se caveiras que significam a personificação da morte, figura 55.



Figura 55 - Edificação tumular dos Garcia Marques, família tradicional da cidade de Jaguarão, esta situado na ala do Santíssimo Sacramento no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Figura de um bebê jacente pode-se observar na figura 56, neste caso como escultura tumular, com significado de inocência e um elo entre a vida e a morte.



Figura 56 - Tipologia alegórica do classicismo situado na ala da Nossa Senhora da Conceição no Cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

Como evidência da história, abaixo na figura 57 está o túmulo do construtor que marcou uma época na cidade de Jaguarão, Martinho de Oliveira Braga, o qual construiu a residência do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves e o Teatro Esperança.



Figura 57 - Túmulo do construtor Martinho de Oliveira Braga no cemitério das Irmandades de Jaguarão/RS

Fonte: Autoria própria.

A visitação no Cemitério das Irmandades termina no Túmulo do Padre Antônio dos Inocentes do lado esquerdo do Túmulo do Padre João Themudo.

Percebe-se a importância da manutenção e organização do espaço turístico; fazem-se necessárias placas de informações históricas, familiares e de importância relevante. A limpeza nos mausoléus e concerto nas depredações de alguns túmulos também é identificada nos espaço.

7. CONCLUSÃO

A proposta de transformação do Cemitério das Irmandades em um ponto turístico surgiu a partir de elementos observados, estudados e recolhidos com base na admiração dos fatos históricos que abraçam a cidade de Jaguarão. Embora, aparentemente, a ideia seja vista como um Turismo Negro, o Patrimônio Cultural que jaz naquele espaço está carregado de Memória, Cultura e Identidade através da arquitetura e da religião ali registradas.

Na arte funerária existente naquele lugar, é possível observar as diferentes crenças a respeito da morte, os diferentes grupos sociais que construíram o espaço tumular e as diversas épocas no tempo em que foram realizados os enterramentos, bem como os símbolos religiosos que demonstram as crenças, identidades, pensamentos e valores sociais e financeiros.

Muitas pesquisas foram realizadas com a finalidade de tornar viável a proposta deste trabalho, inclusive fazendo emergir várias questões sobre a morte através dos tempos. Embora seja visto de forma ambígua possa parecer estranho, a morte, ao mesmo tempo que assombra os vivos, exerce uma atração e provoca uma curiosidade a respeito dela.

Ao visitar um cemitério, as pessoas observam o acervo ali contido, que desperta nesses visitantes uma atenção, em que a própria imaginação das pessoas estimula a investigação dos fatos históricos ali escondidos. No Cemitério das Irmandades, por exemplo, existem túmulos de heróis de guerra e túmulos de moças que morreram por amor.

Uma das práticas possíveis de ser adotada, como educação patrimonial e desenvolvimento regional é a exploração dos bens culturais-patrimoniais dos cemitérios. Para a divulgação de sua riqueza arquitetônica e cultural, sugere-se a prática das visitas guiadas às necrópoles, que podem ser identificadas como museus a céu-aberto. O acervo cultural, as lendas e as histórias que legitimam heróis fazem dos cemitérios, mais que um local com função de velórios e enterros, pois dão um aspecto dinâmico ao lugar que também é um acervo arquitetônico e histórico. O campo das artes, nos cemitérios tradicionais, evidencia esculturas muitas vezes de artistas locais conhecidos pela comunidade.

Haja vista, que o Turismo Cemiterial já existe em várias cidades do Brasil e também no resto do mundo, conforme esta pesquisa demonstrou, a transformação do Cemitério das Irmandades em ponto turístico deverá ser estudada. Para a realização desse estudo tornar-se-á necessária a criação de uma comissão para uma catalogação do acervo cultural e da historicidade da necrópole guardados no dito patrimônio, para uma possível aprovação, inclusive do roteiro turístico específico proposto neste trabalho, onde aborda de maneira educacional todo o contexto inserido no campo santo.

O Brasil, rico em tradições, que possui um acervo patrimonial cultural construído além dos séculos, nos permite através da historicidade reconhecê-lo como um bem cultural. Uma comunidade, através da educação patrimonial possibilita o estabelecimento dessa relação.

Para isso é importante a preservação do patrimônio e despertar a importância social da preservação da história nas comunidades locais.

A expansão do processo de globalização ameaça de maneira que a modernidade assuma o seu espaço, e a comunidade não reconheça seu patrimônio, uniformizando a produção cultural. Com base nas potencialidades que o patrimônio cultural apresenta, torna-se importante estabelecer objetivos e estratégias que promovam o desenvolvimento econômico. Ao preservar e estudar o patrimônio local da cidade de Jaguarão (RS) o Cemitério das Irmandades, significa salvaguardar momentos da história, formas de saber-fazer dos modelos simbólicos e estéticos de uma época.

Nesse contexto faz-se necessário viabilizar a visibilidade a esse espaço, promovendo não só o conhecimento, mas também uma atividade socioeconômica, como já observada em países desenvolvidos que gera números significativos para a economia local, tendo o turismo como um agente de desenvolvimento. As práticas de planejamento e gestão sustentável indicam-se de vital importância para a sustentabilidade dos lugares. Para isso, a criação de políticas públicas que impulsionem o crescimento e o desenvolvimento de projetos afim da cultura, torna-se necessário. Com esse olhar, o processo de desenvolvimento deve dialogar permanentemente com a participação efetiva das sociedades locais.

Finalizando este trabalho, evidencia-se a possibilidade de afirmar que a cidade de Jaguarão é uma cidade que possui muitos atrativos para visitantes, com sua cultura histórica, patrimonial, arquitetônica e religiosa. No momento que sejam tomadas

providências pelo setor público e privado em relação ao Turismo, este vai atingir, de maneira positiva, outros segmentos municipais, gerando desenvolvimento local.

8. REFERÊNCIAS

- ACERENZA, Miguel Ángel. *Administração do Turismo*. Bauru, EDUSC, 2002.
- ANDRADE, José Vicente. *Fundamentos e Dimensões do Turismo*. 8ed. Belo horizonte: Ática, 1976.
- BAHL, Miguel. *Viagens e Roteiros turísticos*, Curitiba: Prottexto, 2004.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das Viagens e do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARRETO, Margarita. *Manual de Iniciação ao estudo do Turismo*. Campinas: Editora Papiros, 2003.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BASTIANELLO, Eliane, Maria Tonini. *Os Monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual*, 2010.
- BATISTA, Cláudio Magalhães. *Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Caderno Virtual de Turismo V. 5, nº 3, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.
- BAYARD, Jean-Pierre. *O Sentido oculto dos ritos mortuários: Viver é morrer?* São Paulo: Paulus, 1996.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipuc, 2000.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*/ org. Harry Rodrigues Bellomo. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 280p.
- BENI, Mario Carlos: *Política e Planejamento de turismo no Brasil* / Mario Carlos Beni. São Paulo: Aleph, 2006.
- BETTEGA, Maria Lúcia. *Eventos e Cerimonial: Simplificando as ações*. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- BORGES. Maria Eizia. *Arte Funerária no Brasil (1890 – 1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

BORGES, Maria Elizia. *Aspectos do Revival Egípcio e Classicista na arte Funerária Brasileira*. XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro da História da Arte. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

_____. *Arte Funerária no Brasil: Projeto Integrado de Pesquisa / Cnpq*. XXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro. v01, n.1, p. 321-329, 2004.

BOULLÓN, R. C. *Planejamento do Espaço Turístico*, Bauru. EDUSC, 2002.

BOYER, Marc. *Historia do turismo de massa*. Bauru: EDUSC, 2003.

BRANDÃO, Giane; Equipe Cemitérios P. *Vamos Passear... No cemitério?* Disponível em <http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Passear_no_cemiterio.pdf> Acesso em: 30 mai 2016.

CABANAS, A.; RICCI, F. *Turismo de necrópole: Novos Caminho Culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista*. *Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação. Eletrônica*, v. 10, n 03. p. 378 – 398, set/dez. 2008.

CADERNO JAGUARENSE. *Jaguarão: Instituto Histórico e Geográfico*, Evangraf. v. 5, 2013.

CADERNO JAGUARENSE. *Jaguarão: Instituto Histórico e Geográfico*, Evangraf. v. 6, 2014.

CAMPOS, A. P. S. *Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial*. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) São Paulo – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2007.

CARRASCO, Gessonia Leite Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco. *Cemitérios como fonte de pesquisa de educação patrimonial e de turismo*. *Revista Eletrônica do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro. v.2, n.2 Jul./dez de 2009.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

_____. *Os passos do homem como restolho do tempo. Memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009.

CERQUEIRA, Fábio Vergara, BASTIANELLO, Eliane Maria Tonini : *Representação das etnias na cultura material funerária no Cemitério da Santa Casa de Caridade, Bagé-RS (descendentes de portugueses, espanhóis e italianos)* : *Dimensões*, vol. 28, p. 296-314. 2012.

CHARÃO, Egiselda Brum. *Estudos Históricos – CDHRP – Agosto, 2009*.

CHOAY, Françoise 1925 – *A alegoria do patrimônio/ Choay*: tradução de Luciano Vieira Machado . 4 ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 288.:il.

CISNE, Rebeca. GASTAL Suzana. *TURISMO E SUA HISTÓRIA: REDISCUTINDO PERIODIZAÇÕES*; Rebeca Cisne; Suzana Gastal ; Anais do VI Seminário de Pesquisa do Turismo no Mercosul – Saberes e fazeres no turismo: interfaces, UCS. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajelórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.

CUNHA, Sieglinde Kindl; CUNHA, João Carlos da Cunha. *Competitividade e sustentabilidade de um cluster de turismo: uma proposta de modelo sistêmico de medida do impacto do turismo no desenvolvimento local*. Revista. administração. Contemporânea. Curitiba v.9 no, spe2, 2005.

DELPHIM, C. F de M. *Intervenção em jardins históricos: Manual*. Brasília: IPHAN, 2004.

DIAS, Reinaldo. *Turismo e Patrimônio Cultural. Recursos que acompanham o crescimento das cidades*. 2. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

DUBBOYS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaio*s. Trad.: Marina Appenzeller. 9 ed. Campinas, Papyrus, 1993 (Série Ofício de Arte e Forma).

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELUSTA, H.A.de L. *Visita ao museu de pedra: O Cemitério da Saudade de Campinas – SP.* / Halima Alves de Lima Elusta. – Goiânia, GO: [s.n.], 2008.

FARAH, Ana Paula. *Restauo arquitetônico: a formação do arquiteto no Brasil para preservação do patrimônio edificado*. Rev. Bras. História [online]. Franca, vol. 27, n. 2, p. 31-47. 2008.

FELLINI, Lourdes: *Turismo, uma atividade municipal*. Porto Alegre: EST, 1983

FÉLIX, Loiva Oteiro. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FENELON, Déa Ribeira. *Políticas Culturais e Patrimônio histórico*. In: _____. *O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

FERREIRA, M.L.M. *Patrimônio: Discutindo alguns conceitos*. Diálogos Revista do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História. Maringá v. 10, n. 3, p.7988. 2006.

FERREIRA, J. M. Simões. *Arquitetura para a morte. A questão cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitetura*. Lisboa; Fundação Klouste, Gulbenkian, 2009.

FIGUEIREDO, Olga Maíra. *Uma contribuição geográfica para o entendimento do Cemitério dos Ingleses na urbe carioca*. Monografia (Graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Geografia, 2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetório da política federal de preservação no Brasil*. 2. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro, UFRJ/Minc/IPHAN, 2005,

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANCO, Sergio da Costa. *Origens de Jaguarão (1790-1833)*. Universidade de Caxias do Sul: Instituto Estadual do Livro. 1980.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. (Org.) *Turismo e patrimônio cultural*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. *O Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Patrimônio e História: Reflexões sobre o papel do historiador*. Diálogos (Maringá online), v. 18, n. 2, p. 637-660, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 10 jun. 2016.

LEMOS, C. B. J. Patrimônio cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. *Revista do Curso de Direito do UNIFOR*, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2012

SOUZA, Jose Pereira de Souza. *Irmandades religiosas: espaços de devoção e disputas políticas na Paraíba oitocentista na puh – XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza, 2009.

LANCI DA SILVA, Maria da Glória, *Cidades Turísticas: identidades e cenário de lazer* / Maria da Glória Lanci da Silva. São Paulo: Aleph, 2007.

LE GOFF, Jaques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa. 1995. p. 18-19

LEOTI, Alice. *Dossiê do Tombamento do conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão/RS e Seus Reflexos na Paisagem Cultural*. 3º colóquio Ibero- Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto- desafios e perspectivas. 2014.

MATOS, Everton. Coelho. Brasil e Uruguai: uma dívida que virou ponte. *Revista. Graduação*. Edi PUCRS. v. 1, n. 2. 2008.

MATTOSO, Kátia de Queirós – *Bahia, século XIX: uma província no império*. Editora Nova Fronteira, 1992.

MAIA, Felícia Assmar. *Direito à memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico*. Movendo Ideias, Belém, v.8, n. 13, p.39-42, jun. 2003.

MANHÃES, Bruno. *A questão da emoção no contexto da visita guiada: estudo de caso sobre o cemitério da consolação*. São Paulo. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. 2010.

MARTINS, Anne Bastos; VIEIRA, Gustamara Freitas. *Turismo e Patrimônio Cultural: possíveis elos entre identidade, memória e preservação*. Estação científica. Ed. 02. mar. 2006. p.1-17.

MEIRA, Ana Lucia Goelzer. *O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. *A cidade como bem cultural – Áreas envolutórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano*. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marlise Campos de; BASTOS, Rosano Lopes; GALLO, Haroldo. Patrimônio: Atualizando o Debate. 9º SR/IPHAN.249p.:II, 2006 p.33-76.

MENESES, José Newton Coelho: *História & Turismo Cultural / José Coelho Meneses*.- 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Rumo a uma “ História Visual “*. In: Martins, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia Ciuby (orgs). *O imaginário e o poético nas Ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2006.

MENEZES, Rachel Aisengart. GOMES, Edlaine de Campos. *Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade*. *Revista de Antropologia*, v. 54, p. 89-132, 2011.

MONTFORT, V. *Turismo cultural: La experiencia de Valencia capital*. In: Actas del I congreso Internacional de Turismo Cultural, Salamanca, p. 153- 175, nov. 2002, v.4.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. 2.ed. Publicações Europa América, 1970.

NASCIMENTO, Mara Regina. *Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiências urbanas*. Porto Alegre: Século XVIII – XIX, 2006.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, PPG em História da PUCSP, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NICÁCIO, Maria Fernanda. *A relação entre o Turismo e eventos Fúnebres*, 2006.

OLIVEIRA. Elizete Romanini; MOREIRA Flávia Braga; FRANCISCO, Vivian Silva.; MONTES FILHO, Carlos Henrique; MOREIRA, Mario. *Expressões através dos símbolos tumulares no cemitério municipal Padre Rodolfo Kumoreck da Cidade de São José dos Campos*. 2006.

OMT. Guide for local authorities on developing sustainable tourism. A Tourism and Environment Publication. Madrid: Organización Mundial del Turismo.1998. cap.1, p.21.

OSMAN, Samira Adel, RIBEIRO, Olivia Cristina Ferreira. Arte, História, Turismo e Lazer Nos Cemitérios da Cidade de São Paulo, Licerce, Belo Horizonte, v 10 , n. 1, abril, 2007.

PADILHA, OSCAR, de La. *El Turismo: fenomeno social*. México: Fondo de Cultura Economica, 1994.

PAIVA, Carlos Águido. *Fundamentos da Análise e do Planejamento de Economias Regionais*. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu. 2014.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

PEGAS, Ana Paula. *O Visível que não se vê e o patrimônio cemiterial: proposta de uma criação de uma rota turística nos cemitérios do Porto*. 2013. P.143. Dissertação de Mestrado – Universidade do Porto. Porto, 2013.

PEREIRA, José Carlos. *Procedimentos para lidar com o tabu da morte*. *Revista ciência & saúde coletiva*. Edição 18.9, set. 2013.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira, *Turismo, memória e patrimônio cultural/ Anderson Pereira portuguez*, (organizador) - São Paulo: Roca, 2004.

POULOT, Dominique. Um Ecossistema do Patrimônio. In: CARVALHO, C.S. de GRANATO, M. BEZERRA, R. Z; BENCHERTRIT, S. F. (orgs). *Um olhar Contemporâneo sobre a preservação do Patrimônio Cultural Material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. *Viagem de Volta Crônica da Revista Extinta “O Cruzeiro”*. a 12/julho de 1952.

QUEIROZ, Francisco. *Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal*. In: Anuário 21 Gramas, n. 1, 2008: 7-12. Disponível em: < <http://www.21gramas.com>>. Acesso em 28 mai 2016.

RASCHE, Karla Leandro. *Práticas festivo-religiosas na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*, Florianópolis (inícios do XX), 2014.

RANGER, M. M. *Educação patrimonial: conceitos sobre o patrimônio cultural*. Reflexões e contribuições para a educação patrimonial. Belo Horizonte, 2002.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Metrópole da Morte Necrópole da Vida*. São Paulo: Carthago, 2000.

_____. *Cemitérios*. 2.ed. São Paulo: Necrópoles, 2007.

RIBEIRO, Maria de Fátima. MELO, Alan Dutra de. LIMA, Andréa Gama. Cidade, memória e política: Jaguarão RS/ Patrimônio histórico e artístico nacional. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, jul. 2011. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879978_ARQUIVO_cidade33.pdf.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Águas de São Pedro – estância paulista. *Uma contribuição à Geografia da Recreação*. 1985. Tese (doutorado em geografia) – São Paulo.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do além: o processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (século XVIII e XIX): Niterói: UFF tese de Doutorado*. 2002.

REINHEIMER, Dalva; NEUMANN, Rosane Márcia. *Patrimônio Histórico nas Comunidades Teuto-brasileiras : história, memória e preservação*. (organizadoras Dalva Reinheimer e Rosane Marcia Neumann)- São Leopoldo; Oikos, 2014.

SOARES, Eduardo Alvarez de Souza. *Igreja Matriz do Divino Espirito Santo da cidade de Jaguarão*. Porto Alegre. Editora Evangraf. 2011. p.336

SOARES, Eduardo Alvarez de Souza, FRANCO, S. da C. : *Olhares sobre Jaguarão / Eduardo Alvares de Souza Soares, Sérgio da Costa Franco (org)- Porto Alegre: Evangraf, 2010*.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

_____. Ensaio SOBRE FOTOGRAFIA. RIO DE JANEIRO: Arbor, 1981.

SCHLÜTER, Regina G, *Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria*. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2003.

SCHOSSLER, Joana Carolina. *Ir às curas: discursos terapêuticos versus praticas de lazer*. In: oficina do historiador. Porto Alegre: EDIPUCRS, V1, N1, JUNHO, 2010.

SCHUMPETER, Joseph. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. 2. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SIAL, Vanessa de Castro. *Das igrejas ao cemitério: Políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX*, 2007.

SILVA, Jorge A. S. *Turismo, Crescimento e Desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em Cluster*. 2004, 480f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani. *Turismo, Políticas de Ordenamento Territorial e Desenvolvimento*. Um foco no estado do Paraná no contexto Regional.

2002, 277f. Tese (doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, São Paulo.

SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. Campinas Sagradas: Práticas tradicionais de sepultamento na cidade de Diamantina. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, v.3, n. 7, mai. 2010.

SWARBOOK, John. *Turismo sustentável – conceitos e impactos ambientais*. São Paulo: Aleph, 2000.

TAVARES, A. M. *City tour*. São Paulo: Aleph, 2002.

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades Religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira*, 2002.

TOSQUI, Patrícia. *Construção e ancoragem ontológica do vocabulário básico bilíngüe do turismo para fins didáticos*. Tese de doutorado. Araraquara, 2007, 248p.

THOMPSON, John, B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: vozes, 1995.

TOMAZZONI, Edegar L, *Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores/ Caxias do Sul, RS: Educs, 2009*.

TOMACHEWSKI, Cláudia. *Entre o estado, o mercado e a dádiva: a distribuição da assistência a partir das irmandades da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Pelotas*. Porto Alegre : Brasil, 2014.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens na sociedade contemporânea*. São Paulo. (Studio Nobel): SESC, 2001.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da idade média ocidental*. Século VIII-XIII Lisboa, Editorial estampa. 1995. p.138.

VILLAS BOAS, Alexandre dos Santos. A formação e consolidação do patrimônio cultural da cidade de Jaguarão (RS). Anais do XXVIII Simpósio. Florianópolis , jul de 2015. Disponível em:

<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434220795_ARQUIVO_ArtigoANPUH2015.pdf. Acesso em junho/2016 > Acesso em: 30 Mai 2016.